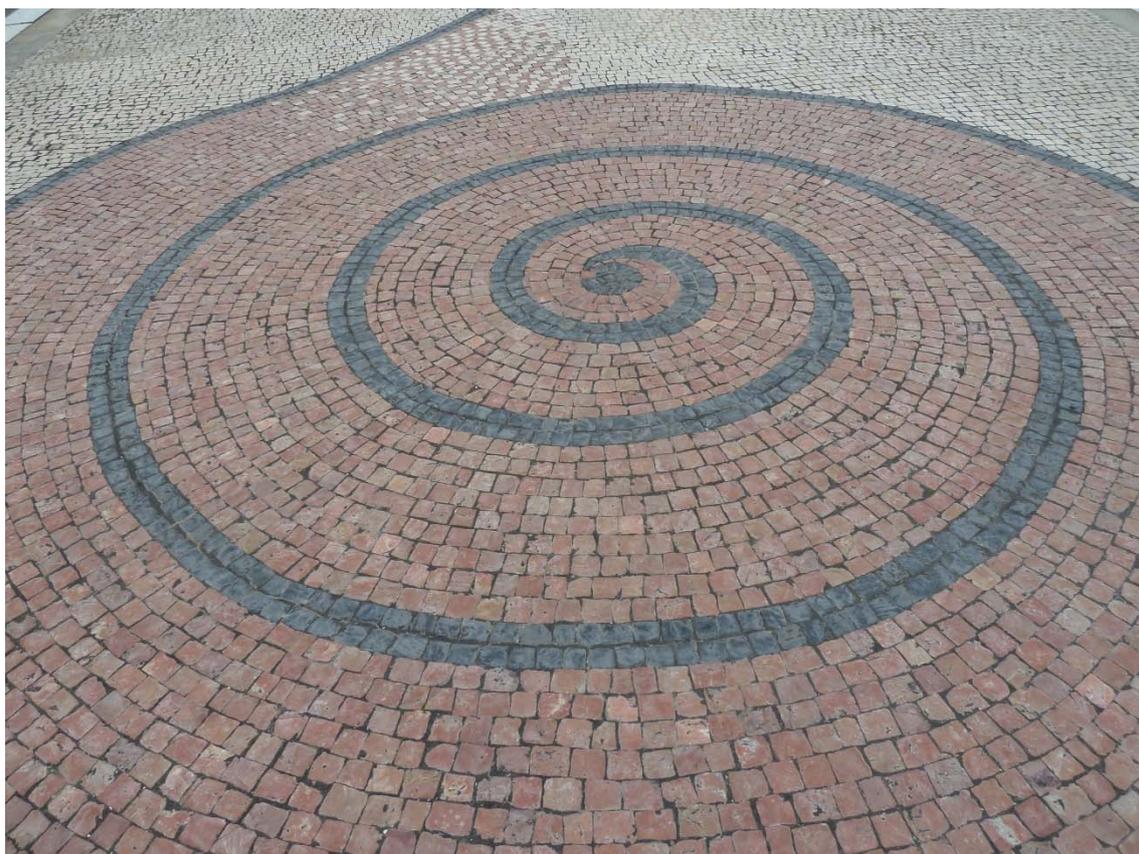


# **DE PORTUGAL A MACAU**

## **FILOSOFIA E LITERATURA NO DIÁLOGO DAS CULTURAS**



Universidade do Porto. Faculdade de Letras

2017

## **Ficha técnica**

**Título:** De Portugal a Macau: Filosofia e Literatura no Diálogo das Culturas

### **Organização:**

Maria Celeste Natário (Instituto de Filosofia da Universidade do Porto)

Renato Epifânio (Instituto de Filosofia da Universidade do Porto)

Carlos Ascenso André (Instituto Politécnico de Macau)

Gonçalo Cordeiro (Universidade de Macau)

Inocência Mata (Universidade de Macau/ Universidade de Lisboa)

Jorge Rangel (Instituto Internacional de Macau)

Maria Antónia Espadinha (Universidade de S. José)

**Editor:** Universidade do Porto. Faculdade de Letras

**Ano de edição:** 2017

**ISBN:** 978-989-99966-9-4

O presente livro é uma publicação no âmbito das atividades do Grupo de Investigação Raízes e Horizontes da Filosofia e da Cultura em Portugal do Instituto de Filosofia da Universidade do Porto, financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia.

# **RAUL XAVIER: UM MACAENSE QUE ABRAÇOU A CULTURA PORTUGUESA**

Maria Leonor Xavier

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/ CFUL

Alameda da Universidade

1600-214 Lisboa

(351) 217 920 000 | [info@letras.ulisboa.pt](mailto:info@letras.ulisboa.pt)

Resumo: Este estudo versa sobre Raul Xavier, que nasceu em Macau e foi escultor em Portugal, ao longo da primeira metade do séc. XX. Trazendo o Oriente no sangue e no coração, foi em Portugal que se formou como escultor e à cultura portuguesa deu também o seu melhor.

Palavras-chave: Raul Xavier, Macau, escultura.

Abstract: This essay treats of Raul Xavier, who was born in Macau and has been a sculptor in Portugal during the first half of the XXth century. Bringing the Orient in his blood and heart, he has been educated and trained as a sculptor in Portugal and to the Portuguese culture he gave his best.

Keywords: Raul Xavier, Macao, sculpture.

*A relação primeira entre os vivos e os mortos é a vida.*

Emile Schaub-Koch<sup>1</sup>

A vida é o nexó que nos une a todos, aos vivos do presente, aos vivos do passado e aos vivos do futuro. Nesse nexó, inscreve-se o presente escrito, refrescando a memória, sobre Raul Xavier: um macaense que abraçou a cultura portuguesa.

Raul Maria Xavier nasceu em Macau (Sé) a 23 de Março de 1894, de ascendência luso-chinesa. Seu pai, Francisco Xavier da Silva, era português e sua mãe, Filomena do Rosário Xavier, era luso-chinesa. Aos 3 anos de idade veio com a família para Lisboa, onde fez a instrução primária na Escola do Altinho, instalada no antigo Palácio de Angeja (Ajuda). Aí teve, como mestre das primeiras letras, Fernando Alfredo Palyart Pinto Ferreira, que descobriu o seu talento artístico e subsidiou os seus estudos na Escola de Belas-Artes de Lisboa, onde estudou desenho com Ernesto Ferreira Condeixa e escultura com Costa Mota (Tio).

Aos 24 anos, a 5 de Janeiro de 1918, casou em Lisboa, com Adelaide da Conceição de Oliveira, com quem teve dois filhos, Luís Américo Xavier e Maria Adelaide Xavier. Voltou a Macau em 1923, onde residiu com a família durante dois anos, empregado como Condutor de Obras Públicas na construção do Porto de Macau. Regressado a Lisboa, trabalhou como Mestre de Cantaria artística na Escola de Arte Aplicada António Arroio, e como professor do Ensino Técnico, na secção Pina Manique da Casa Pia de Lisboa.

Aprofundou a sua formação artística e o seu conhecimento da tradição da escultura europeia, como bolseiro do Instituto para a Alta Cultura<sup>2</sup>, tendo visitado vários países, entre os quais a Itália, onde se deixou fascinar pela arte e cultura do Renascimento.

Integrou, com o seu filho, o então jovem arquitecto Luís Américo Xavier, a II Missão Estética de Férias, dirigida por Aarão de Lacerda, que decorreu em Guimarães,

---

<sup>1</sup> «Le premier rapport entre les vivants et les morts, c'est la vie. Et la vie du passé est – sauf ce qui en constitue les apparences – identique à celle d'aujourd'hui: idéal, passions, exaltations, tristesses, tout se confond.» Emile Schaub-Koch, *Raul Xavier. Sculpteur Portugais*, Lisboa, 1957, p.20.

<sup>2</sup> Cf. «Raúl Maria Xavier – professor do 5º grupo do ensino técnico, autorizado a aceitar a bolsa de estudo fora do país concedida pelo Instituto para a Alta Cultura, pelo prazo de 45 dias, a contar de 1 de Abril próximo.» Ordem à Casa Pia de Lisboa, nº 11, 14 de Março de 1950. Cf. *Diário de Notícias*, 22 de Março de 1950; *Correio do Sul*, 25 de Maio de 1950; *Diário de Lisboa*, 28 de Agosto de 1950.

durante os meses de Agosto e Setembro de 1938<sup>3</sup>, e que deu origem a uma Exposição dos trabalhos então realizados, organizada, no mesmo ano, pela Academia Nacional de Belas Artes na sede da Sociedade Nacional de Belas Artes (S.N.B.A.). Participava regularmente nas Exposições desta Sociedade, no âmbito das quais obteve várias medalhas<sup>4</sup>, o que não o impediu de ter integrado o Grupo de Artistas Portugueses (G.A.P.), criado em 1943 dentro da S.N.B.A.<sup>5</sup>, para a promoção da dignidade da arte e dos artistas à margem de júris e prémios. Tendo integrado os corpos gerentes da S.N.B.A.<sup>6</sup>, um poema humorístico de Armando Boaventura retratava assim o escultor na sua função de vice-tesoureiro (Lisboa, sala das “Mastigações”, 7 de Janeiro de 1939):

As contas no fim fá-las o Coelho,  
As caricaturas, o Hugo Moraes  
E quando contarmos “dezassete”, no fim  
Pede-se ao Raul, escultor “centelho”  
Que nos faça um friso, como faz os mais  
Mas em vez de bronze que seja em marfim!

É verdade que Raul Xavier recebeu prémios artísticos – medalha de prata na Exposição “Arte na Escola”, a 1ª medalha na Exposição do Salão do Estoril e a medalha de ouro na Exposição Internacional de Sevilha<sup>7</sup> – que lhe deram testemunho do reconhecimento do seu mérito durante a sua vida, compensando as agruras que também teve no seu ofício, como evidenciam alguns episódios da vida do artista, que são narrados mais à frente.

<sup>3</sup> Cf. Notícias de Guimarães, 4 e 10 de Setembro de 1938; *O Comércio do Porto*, 12 de Agosto e 31 de Setembro de 1938;

<sup>4</sup> «Tendo concorrido quasi todos os anos á Exp. B. Artes, obteve nestes certames, as seguintes recompensas: Mensão Honrosa, 1ª, 2ª e 3ª Medalhas, Medalha de prata na Exp. “Arte na Escola”, Diploma de Medalha de ouro na Exp. de Sevilha.» *Notícias de Gouveia*, 13 de Junho de 1941; «Fez um busto de sua mãe e, a seguir, o de seu pai, num bloco de mármore de Carrara, obra que obteve uma terceira medalha na Exposição da Sociedade Nacional de Belas-Artes. Desde então, tem concorrido todos os anos às Exposições desta Sociedade e foi premiado com uma 2ª e uma 1ª medalhas.» “XAVIER (Raul Maria)”, *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, Lisboa/ Rio de Janeiro, Fascículo 433, 1957, p.71.

<sup>5</sup> Cf. *A Voz*, 9 de Junho de 1943. Com efeito, Raul Xavier não só foi sócio como integrou a Direcção da S.N.B.A. em 1952: cf. *Diário de Notícias*, 9 de Novembro de 1952.

<sup>6</sup> Cf. *O Século*, 5 de Fevereiro de 1939; *Diário de Lisboa*, 25 de Fevereiro de 1940.

<sup>7</sup> «Recebeu o oficialato da Ordem de Cristo pelos trabalhos realizados para a Exposição do Mundo Português em 1940, medalha de prata, na Exposição “Arte na Escola”, 1ª medalha na Exposição do Salão do Estoril, medalha de ouro na Exposição Internacional de Sevilha, etc.» “XAVIER (Raul Maria)”, *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, Lisboa/ Rio de Janeiro, Fascículo 433, 1957, p.71. Vd. também Adérito Cabral, “Raul Xavier – O Escultor dos Papas”, *Ecoss de Belém*, 5 de Julho de 1961.

Também pertenceu a vários cenáculos artístico-literários, como a “Tábua Rasa”<sup>8</sup> e o “Círculo Camiliano”, e foi colaborador da revista *Alma Nova*, fundada em 1914<sup>9</sup>.

Viu consagrada publicamente a sua carreira artística através das seguintes distinções: o grau de Oficial da Ordem Militar de Cristo (1941), pela participação do escultor na Exposição do Mundo Português (1940); a comenda pontifícia da Ordem Equestre de S. Silvestre, pela ampla produção de Raul Xavier em escultura religiosa (1958)<sup>10</sup>, e, ainda, a atribuição do grau de Cavaleiro da Ordem Militar de Sant’Iago da Espada (1959)<sup>11</sup>. Todas estas distinções atestam a favor do incontornável contributo que o escultor macaense trouxe à cultura portuguesa e ao valor universal da arte.

Chegou a ver uma sala dedicada a uma colecção de obras suas – Sala Raul Xavier – no Museu Municipal Dr. Santos Rocha, na Figueira da Foz, inaugurada a 9 de Setembro de 1962, com uma apresentação da obra do escultor pelo escritor e amigo António Fernandes da Silva<sup>12</sup>. De acordo com o catálogo, faziam parte da colecção, oito mármore, sete talhes directos em pedra, cinco trabalhos em bronze, quinze estudos em barro e três dezenas de medalhas, o que ilustrava a diversidade da produção do escultor, exceptuando naturalmente a escultura de amplas dimensões.



Sala Raul Xavier, Museu Municipal Santos Rocha, Figueira da Foz

<sup>8</sup> Tendo o escultor Raul Xavier modelado o busto de Alice Oeiras, “madrinha” deste cenáculo: cf. *Diário Popular*, 21 de Fevereiro de 1943.

<sup>9</sup> Cf. José Guerreiro Murta, “Evocação da «Alma Nova»”, *Correio do Sul*, Ano XLI, nº 2193, 25 de Fevereiro de 1960.

<sup>10</sup> Cf. *A Voz, Diário de Notícias, Novidades*, 29 de Março de 1958.

<sup>11</sup> Cf. *Diário de Notícias*, 15 de Maio de 1959; *Novidades*, 15 de Maio de 1959.

<sup>12</sup> Cf. *Diário Popular*, 8 de Setembro de 1962; *O Século*, 9 e 10 de Setembro de 1962; *A Voz da Figueira*, 13 de Setembro de 1962, 20 de Junho de 1963; *Notícias da Figueira*, 15 de Setembro de 1962; *Ecoss de Belém*, 3 de Outubro de 1962; *Correio do Sul*, 20 de Setembro de 1962; *A Voz*, 6 de Janeiro de 1963.

Pouco antes de fazer 70 anos, a 1 de Janeiro de 1964, acabou de cumprir a sua vida em Lisboa, aquele que cedo foi chamado o “Poeta da escultura”<sup>13</sup> e que nunca deixou de ser um “trabalhador incansável” do ofício da sua arte, como ficou provado pelo número difícil de contar das obras que legou à posteridade.

### 1. O moço escultor



O moço escultor

A primeira obra de escultura de Raul Xavier, depois de ter já sido posto em contacto com o Mestre Costa Mota (Tio)<sup>14</sup>, pelo seu professor Palyart Pinto Ferreira, foi um busto do poeta e pedagogo João de Deus (1830-1896), destinado à Casa Pia de Lisboa, onde leccionava o professor Palyart e onde o próprio escultor veio mais tarde a leccionar também. João de Deus foi, aliás, o alfa e o ómega da produção artística do escultor, dado que foi o motivo da primeira e da última obra de Raul Xavier. A última foi o conjunto escultórico, inaugurado já postumamente, a 8 de Março de 1964, em S. Bartolomeu de Messines, terra-natal do autor da antologia poética *Campo de Flores* (1893) e do novo método de ensino da língua portuguesa, *Cartilha Maternal*, por ocasião dos 134 anos do nascimento do poeta e pedagogo algarvio<sup>15</sup>.

O mais antigo registo na imprensa da actividade de Raul Xavier como escultor aparece na revista *O Occidente*, fundada em 1873. A 10 de Fevereiro de 1915, no XXXVIII Volume (38º Ano – Nº 1300, p.44), a revista sai com um breve artigo

<sup>13</sup> Cf. José Rebelo, *Apontamentos. Arte, Artistas e Perfis*, Lisboa, Imprensa de Manuel Lucas Torres, 1917, p.15.

<sup>14</sup> Cf. Mário Areias, *Artistas Portugueses. Raul Xavier: Escultor-Medalhistas*, Lisboa, 1955, p.26.

<sup>15</sup> O conjunto escultórico começa a ser projectado em 1961 sem qualquer compromisso oficial: cf. *Correio do Sul*, 16 e 23 de Fevereiro de 1961.

intitulado “Um artista novo”, ladeado por duas fotografias, a do jovem escultor, então com 21 anos, e a do busto de sua mãe, Filomena Xavier (1911)<sup>16</sup>. Para além deste, o artigo reporta ainda, como já realizados, o busto do pintor contemporâneo João Saavedra Machado (1913) e o busto do activista operário Eudóxio César Azedo Gneco, que assinala a sua sepultura no Cemitério dos Prazeres em Lisboa.



Filomena Xavier (1911) e João Saavedra Machado (1913)

Datam ainda desses anos primevos da carreira artística de Raul Xavier, o “moço escultor”, como era mencionado na imprensa da época<sup>17</sup>: a cabeça de rapaz, do seu irmão António Manuel Xavier (1912); a cabeça de criança, Mimi (1915), com a qual obteve uma menção honrosa na 13<sup>a</sup> Exposição da Sociedade Nacional de Belas Artes (1916); e o busto de Antónia das Dores Almeida (1915), que acusa a influência classicista do escultor francês João Baptista Carpeaux (1827-1875). De 1916, datam algumas figuras de fantasia, feitas pelo simples gosto da arte de modelar ou por motivo de afeição, como uma Flora, uma Flor Campestre (cabeça de adolescente), e um estudo de Virgem, ofertado à jovem Adelaide, que Raul viria a desposar em 1918. E em 1919, num dia agitado da 1<sup>a</sup> República Portuguesa, não podendo deslocar-se ao atelier por força do recolher obrigatório em Lisboa, o

<sup>16</sup> Cabeça em mármore (1927).

<sup>17</sup> Cf. *Jornal do Comércio e das Colónias*, 29 de Agosto de 1917.

ainda jovem escultor, mas já inseparável da sua arte, modelou no barro, em sua própria casa, a cabeça de bebé do seu primeiro filho, Luís Américo, antes de lhe crescerem os caracóis em canudos, que viriam a inspirar ao pai outros trabalhos sobre a cabeça de seu filho criança, como Perfil de Rapaz (1922), Sorriso de Criança (1930). Rematando este primeiro rol de retratos parentais, cabe referir o primeiro trabalho em mármore do escultor, do esboço ao acabamento, que é a cabeça de seu pai, Francisco Xavier, que data de 1920.

E de novo tocado pelos valores da literatura portuguesa, cedo começou também a devoção camiliana de Raul Xavier, com a modelação do busto de Camilo Castelo Branco (1917), o escritor romântico português mais carismático (1825-1890), que continuaria a motivar a produção do escultor ao longo da sua vida, volvidos os tempos de moço. Com efeito, já em 1949, foi o escultor convidado a integrar o cenáculo literário “Círculo Camiliano”, presidido pelo escritor Aquilino Ribeiro. A fundação deste cenáculo deu ocasião à primeira medalha do escultor, fundida em bronze e modelada no tamanho definitivo (1949), com o busto de Camilo no anverso e referência, no reverso, à fundação do Círculo Camiliano em Março de 1949<sup>18</sup>. Viriam ainda a sair das mãos e da arte do escultor, tocado pelo intenso sentir do autor de *Amor de Perdição*, duas estatuetas de um Camilo insubmisso: uma em bronze, muito dinâmica, do escritor em passada larga e destemida, enfrentando o mundo com uma grande moca (1955); outra em barro, Camilo e Calúnia (1956)<sup>19</sup>, em que esta, qual pequena insignificância, parece não conseguir alcançar sequer o joelho do escritor.

## 2. O regresso às origens e a saudade do Oriente

Raul Xavier regressou a Macau em 1923, com um contrato de trabalho por dois anos na Função Pública ao serviço do Estado Português, como Condutor de 1ª classe das Obras do Porto de Macau. Teve, então, a oportunidade de visitar alguns portos da China e do Japão. Esse contrato de trabalho garantia-lhe o sustento regular, o seu e o de sua família, uma vez que era já casado e com dois filhos pequenos. Todavia, não estava a fazer o que mais gostava, como o denuncia o jornal republicano *O Combate*, publicado em Macau, a 2 de Outubro de 1924:

---

<sup>18</sup> Emissão de 30 exemplares numerados: cf. Mário Areias, *Artistas Portugueses. Raul Xavier: Escultor-Medalhistas*, Lisboa, 1955, p.34.

<sup>19</sup> Cf. M.L.F., “Camilo e o Algarve”, *Correio do Sul*, 23 de Fevereiro de 1956.

«cremos mesmo que para tal empresa não tem bóssa ... No sacrário da Arte marcou o seu lugar distinto e sem favoritismo»<sup>20</sup>. De facto, durante o breve período de Macau, Raul Xavier não deixou de praticar o seu mais pessoal ofício de escultor, como reporta mais tarde um artigo de Lopes de Oliveira, no jornal *Novidades*:

Mesmo assim, não se descasa da Arte. Consegue aproveitar as horas de ócio e trabalhar na reprodução do braço e dos escudos mais antigos de Macau e das tradicionais ruínas da Catedral de S. Paulo para figurarem na Exposição Missionária do Vaticano.<sup>21</sup>

A memória do Oriente, que traz sobretudo no sangue, não deixa de marcar de forma distintiva e indelével a obra do escultor, como o atesta frequentemente a crítica. Já no final da sua carreira artística, uma notícia dedicada à “Sala Raul Xavier”, no Museu Municipal da Figueira da Foz, caracterizava assim o escultor:

Raul Maria Xavier, de seu nome completo, nascido em 1894, na cidade do Santo Nome de Deus de Macau, descendente, pelo lado materno, de sangue chinês, manifesta na sua obra esse jeito de tranquilidade tipicamente asiática, que lhe imprime extraordinária dignidade, calma, nobreza e intensa palpitação humana.<sup>22</sup>

Tais são os atributos da sua obra, que o escultor trouxe consigo das suas origens. Datam da sua estadia em Macau, dois desenhos orientais (1925), que o escultor não esqueceria. Um deles está na origem da placa de bronze Fantasia Oriental (1926), que viria, por sua vez, a ser reproduzida num dos mais singulares ex-líbris do escultor.

Com efeito, Raul Xavier tinha outra paixão, para além da escultura: o livro. Com zelo de colecionador, constituiu uma ampla biblioteca ao longo da vida. E, para chancela dos seus livros, concebeu vários ex-líbris.

O primeiro e aquele que adoptou ao longo de 30 anos foi uma Vitória de Samotrácia, obra-prima da arte clássica grega. O escultor vindo de Macau elegeu uma mítica obra de arte do Ocidente para marca dos seus livros, o que é uma forma de abraçar o Ocidente nos seus valores culturais e estéticos<sup>23</sup>. Todavia, há sinais de

<sup>20</sup> “O Monumento a Amaral e Mesquita: Uma eternidade...”, *O Combate pela Patria e pela Republica*, Macau, 2 de Outubro de 1924, Primeiro Ano, Nº 41 (2ª Série).

<sup>21</sup> A. Lopes de Oliveira, “Como se faz escultura em Portugal: Grandeza e limites da Arte. Raul Xavier no seu refúgio de trabalho”, *Novidades*, 27 de Fevereiro de 1949, p.3.

<sup>22</sup> “Sala Raul Xavier no Museu Municipal da Figueira da Foz”, *A Voz*, 6 de Janeiro de 1963.

<sup>23</sup> «Em confiança a Jacinto Júnior, há precisamente 25 anos, o Artista justificava a escolha que de há muito fizera, dizendo achar a Vitória de Samotrácia uma maravilha de execução e movimento e porque talvez, por mais que procurasse, não fosse capaz de encontrar um ex-líbris de seu invento

saudade do Oriente na maturidade da vida de Raul Xavier. Um deles é o Óleo do amigo pintor Domingos Rebelo (1949?), baseado na mais icónica fotografia do escultor, em traje chinês.



Óleo de Domingos Rebelo

Outro sinal é a evolução dos seus ex-líbris. Em 1959, como assinala António Madahil, autor do opúsculo *Os Ex-Líbris de Raul Xavier* (1963), o escultor revela uma saudade das suas origens no Oriente, através de dois novos ex-líbris:

Datam de então (1959) dois graciosos ex-líbris que, formalmente diferentes, traduzem no entanto um comum pensamento pátrio e delicadamente o exprimem numa simplicidade admirável: é, um deles, mero ramo florido de cerejeira, recortado em fundo preto; o outro, duas singelas hastes folhadas de bambu e em plano distante o vulto airoso de uma cegonha nostálgica. (*Ibidem*, p.7)

Entremeando a saudade do Oriente, o escultor concebe um ex-líbris com a sua obra-prima: o baixo-relevo de 1940 sobre Aljubarrota, com Nun' Álvares cavalgando. Todavia, os dois últimos ex-líbris são de novo evocações fortes do Oriente:

Num deles destaca-se, em fundo encarnado, quase de laca, onde seis caracteres chineses traduzem em seu arabesco a profissão do Artista e querem dizer – ESCULTOR – uma haste simbólica de bambu, vigorosamente desenhada e impressa preto. – [...] – Estamos sem dúvida alguma em presença de um dos mais expressivos e originais ex-líbris portugueses. (*Ibidem*, p.9)

---

que o satisfizesse (Magazine Civilização, Janeiro de 1939, pág.10);» António Gomes da Rocha Madahil, *Os Ex-Líbris de Raul Xavier*, Figueira da Foz, 1963, p.6.

O outro ex-líbris retoma um desenho oriental de 1925, realizado em Macau, que deu origem à *Fantasia Oriental*, placa de bronze de 1926. É essa placa que Raul Xavier escolhe para o seu último ex-líbris nos últimos anos da sua vida:



Fantasia Oriental (1926)

Em fundo copiosamente trabalhado desenrola-se a tradicional cena da mitologia chinesa do dragão procurando devorar a Lua. Desse fundo convencional emerge o perfil algo estranho duma jovem macaísta de longos cabelos cingidos pela habitual fita de toucado. (*Ibidem*)

A propósito desse “perfil algo estranho”, ocorre-nos o que diz José Rebelo:

Ninguém como ele para reviver o riso virginal e imenso das creanças; ninguém como ele para nos dizer que ha mulheres que sofrem, embora calem as suas angustias que passam curvadas e humildes num soluço que se abafa, numa lagrima furtiva que se esconde, não vá alguém surpreende-la e magua-la.<sup>24</sup>

Tal como se reflecte na misteriosa figura do seu último ex-líbris, a saudade de Raul Xavier era um composto de sensibilidade e tristeza que se contém.

### 3. O escultor estatuário

Múltiplos foram os géneros de escultura cultivados por Raul Xavier. Porventura, a diversidade pujante da arte do escultor macaense não se explica sem o seu génio

<sup>24</sup> José Rebelo, *Apontamentos. Arte, Artistas e Perfis*, Lisboa, 1917, p.15.

criador, e é isso que o professor, esteta e crítico de arte Émile Schaub-Koch sublinha do seguinte modo:

Esta multiplicidade de talentos, ou antes esta associação de todos os talentos, de todas as técnicas, não pode defender-se senão com uma faculdade de invenção formidável. Xavier não falhou nisso. Este homem de ciência e de conhecimentos estéticos desdobra-se num homem de sensações.<sup>25</sup>

Com efeito, do conjunto multifacetado da sua obra, e considerando sobretudo a larga escultura, fazem parte vários géneros: a escultura animalista, as figuras alegóricas, a escultura religiosa e as figuras históricas.

Em escultura animalista, modelou um Corvo (1935), em bronze e pertença da Câmara Municipal de Lisboa, e também em bronze, um cão Basset (1943), mas as obras que mais sobressaem, neste género, são os dois Leões em pedra lioz, assentes na escadaria do palácio de S. Bento (1942), assim descritos no jornal *O Século*:

São dois leões colossais, esculpidos em pedra portuguesa, em atitude de repouso, erguida apenas a cabeça, com as fauces abertas num rito de ferocidade despertada.<sup>26</sup>

Entretanto, ecos de classicismo ecoam na sua produção de figuras alegóricas, que é significativa na variedade. Cabe referir, desde logo, figuras decorativas, como duas Floras (1922<sup>27</sup>, 1933), e uma Aurora (1933). Mas, neste género, ao nível da larga estatuária, destacam-se a Arte e a Ciência (1932), a Prudência (1935), bem como Lei e a Justiça (1949), sitas no Palácio da Justiça de Beja. Todas estas estátuas têm histórias para contar.

### 3.1. A Arte e a Ciência

A Arte e a Ciência são duas estátuas em estilo neoclássico, que decoram a entrada do Pavilhão Carlos Lopes, no Parque Eduardo VII, em Lisboa: a Ciência segura na mão esquerda um globo terrestre sobrepujado por um mocho, e, na direita, um

---

<sup>25</sup> «Cette multiplicité des talents, ou plutôt cette association de tous les talents, de toutes les techniques, ne peut se défendre qu'avec une faculté d'invention formidable. Xavier n'y a point failli. Cet homme de science et de connaissances esthétiques, se double d'un homme de sensations. Chaque oeuvre produit l'effet d'une découverte.» Émile Schaub-Koch, *Valeurs de Rappels d'Esthétique Comparative*, Publication sous les auspices de l' International Institute of Arts and Letters, Lisbonne, 1958, p.119.

<sup>26</sup> *O Século*, 23 de Maio de 1942.

<sup>27</sup> Cf. *Alma Nova*, IIIª Série, nº3 (Lisboa, 1922) p.41.

livro; a Arte segura na mão direita uma “académia” (tronco humano), e, na esquerda, uma maceta e pincéis.

O escultor submeteu os modelos a concurso público, aberto pela Câmara Municipal de Lisboa, incluindo no júri o arquitecto João Piloto e o escultor Leopoldo de Almeida. Ganho o concurso, as estátuas foram erigidas na entrada do edifício, então designado “Palácio das Exposições”, e aberto em 1932, com a Grande Exposição Industrial Portuguesa. As estátuas Arte e Ciência de Raul Xavier mereceram então a atenção dos caricaturistas do *Sempre Fixe*.



*Sempre Fixe*

O Palácio das Exposições, que era também conhecido como “Pavilhão de Festas”, é, na verdade, uma reconstrução daquele que fora concebido nos anos 20 pelos arquitectos Guilherme e Carlos Rebello de Andrade e Alfredo Assunção Santos, e que fora edificado no Brasil em 1922 para a Grande Exposição Internacional do Rio de Janeiro. O Pavilhão reedificado em Lisboa foi adaptado a eventos desportivos em 1946 e, em 1984, recebeu o nome do atleta português Carlos Lopes. Fechado em 2003, o Pavilhão Carlos Lopes foi recentemente reabilitado e reabriu a 18 de Fevereiro de 2017, com uma exposição permanente sobre o atleta que lhe dá o nome. Os elementos decorativos – os painéis de azulejos, a azul e branco, com motivos da História de Portugal (produzidos pela Fábrica de Sacavém, 1922), bem como as duas estátuas neoclássicas de Raul Xavier – foram também recuperados com a remodelação do edifício. A Arte e a Ciência lá se mantêm firmes à entrada do Pavilhão, agora com rejuvenescida brancura, a brindar o visitante.



### 3.2. A Prudência

Uma das estátuas mais apreciadas de Raul Xavier é a Prudência (1935), que se encontra na fachada principal do Palácio de S. Bento, actual Assembleia da República. “Nas estátuas fica por obra-prima, na ascensão da sua arte, a *Prudência*”, segundo as palavras de Luís Chaves<sup>28</sup>.



Prudência (1935)

A Prudência pertence ao conjunto de quatro estátuas representando virtudes clássicas, que se encontram no pórtico do palácio, cujo processo de concretização

<sup>28</sup> “Raul Xavier Escultor”, *Novidades*, 11 de Maio de 1941.

não foi fácil nem célere, como denuncia o seguinte artigo intitulado “A dança das estátuas”, de 1939:

As estatuas destinadas a decorar as escadarias da Assembleia Nacional parecem sofrer dum estranho fatalismo. Duas vezes, as suas “maquettes” em vulto foram recusadas pela VI Secção da Junta de Educação Nacional, á excepção da de Raul Xavier. Depois, o numero de estatuas, que era de seis, foi reduzido a quatro, que seriam executadas por Costa Mota, Maximiano Alves e Barata Feio, contando, é claro, com a de Raul Xavier. Já lá vai tempo, e nenhum andamento se deu ao caso. No entanto, as obras da Assembleia aproximam-se do fim. A sua fachada, pelo menos, pode considerar-se concluída. Os plintos, porém, continuam vazios.<sup>29</sup>

Em Abril de 1941, a estátua Prudência de Raul Xavier era exposta no concorrido 38º Salão da S.N.B.A.<sup>30</sup>. Em Junho do mesmo ano, chegava também ao fim a “dança das estátuas”, como ilustra a seguinte nota informativa:

Começaram já os trabalhos de colocação das estatuas, na parte central da fachada da Assembleia Nacional. – As estatuas, que são em numero de quatro, representam simbolicamente a Prudencia, a Temperança, a Força e a Justiça, e são respectivamente, dos escultores: Raul Xavier, Barata Feio, Costa Mota e Maximiano Alves. – Cada uma delas mede 2<sup>m</sup>,30, pesando aproximadamente 6.000 quilos, e foram talhadas em pedra lioz. – A primeira que está a ser colocada é a da Prudencia, de Raul Xavier, a unica que foi aprovada no primeiro concurso. Representa um vulto de mulher tendo na mão uma serpente. As outras sofreram algumas modificações de pormenor para se ajustarem à linha geral do edifício e por uma questão de harmonia entre elas. Os operarios já colocaram no plinto o primeiro fragmento da estatua de Raul Xavier, que fica situada à extrema esquerda de quem sobe as escadarias da Assembleia.<sup>31</sup>

Apesar de ter produzido a estátua mais pacífica na “dança das estátuas”, Raul Xavier confessou acerca da sua Prudência: «Dos aborrecimentos que tive na vida de escultor, alguns dos maiores tive-os por causa da minha Prudência...»<sup>32</sup>. Qualquer que seja o fundamento deste desabafo contido do escultor, que conheceu por dentro os meandros da “dança das estátuas”, o facto é que a sua Prudência foi

<sup>29</sup> *Diário de Lisboa*, 18 de Maio de 1939.

<sup>30</sup> Cf. *Diário de Notícias*, 26 de Abril de 1941.

<sup>31</sup> *A Voz*, 20 de Junho de 1941; *Diário de Lisboa*, 19 de Junho de 1941.

<sup>32</sup> «Raul Xavier, escultor infatigável que a Morte há dias levou, fez uma estátua (que está colocada na fachada do Parlamento) simbolizando a Prudência. Pois dizia-nos, uma vez, Raul Xavier: – Dos aborrecimentos que tive na vida de escultor, alguns dos maiores tive-os por causa da minha Prudência...» *Diário Popular*, 9 de Janeiro de 1964.

uma das suas obras mais bem sucedidas no espaço público. Sinal disso mesmo foi a amigável caricatura que recebeu no *Sempre Fixe*, com a seguinte legenda: «A “Prudência” é sempre, mais ou menos, desconfiada, mas esta é ultra-prudente: olho atrás, olho adiante!» (8 de Maio de 1941).

### 3.3. A Lei e a Justiça

Antigo aluno de Raul Xavier, o escultor Helder Baptista acompanhou e testemunhou a modelação em barro das estátuas Lei e Justiça; mais do que acompanhou e testemunhou: interveio e colaborou nessa modelação. Tinha, então, o jovem aluno a tarefa diária de preparar o barro da estátua em execução, com a humidade adequada ao exercício da modelação. Um dia, atrasou-se o escultor na sua chegada ao atelier e o jovem discípulo, entediado com a espera e atizado pelo seu próprio génio artístico, cedeu à tentação de aprimorar o joelho da Lei. Ao retomar o seu trabalho na estátua, o escultor não pôde deixar de notar intervenção alheia e ripostou com uma vigorosa admoestação ao seu aluno e ajudante. Mas, para gáudio deste, o mestre não voltaria a mexer no joelho retocado pelo discípulo. O jovem Helder Baptista começava assim compenetrar-se do seu talento artístico. Foi a 14 de Dezembro de 2011, por ocasião da inauguração da exposição “Medalhas de Raul Xavier”, na Reitoria da Universidade de Lisboa, que tivemos ocasião de escutar esta lembrança, contada de forma bem-humorada pelo próprio Mestre Helder Baptista, escultor e antigo professor da Faculdade de Belas-Artes desta mesma Universidade. Por isso, não podemos deixar de associar o nome de Helder Baptista ao de Raul Xavier, na história das estátuas Lei e Justiça.



Lei e Justiça (1949)

### 3.4. Escultura religiosa: S. Vicente

Outro género incontornável na produção de Raul Xavier é a escultura religiosa. Neste domínio, o escultor assume até preencher uma espécie de lacuna no panorama da cultura portuguesa do seu tempo, como ressalta no seguinte excerto de um artigo que escreveu sobre a escultura em Portugal, no segundo quartel do séc. XX:

A escultura religiosa, tanto em Lisboa como no Porto, não foi a mais fecunda. As imagens de Machado de Castro representam uma época artística em Portugal bem definida; os sucessores viveram em época de conceitos diferentes, na qual a sugestão religiosa de maneira alguma animou os artistas; os casos isolados, e basta citar os de Soares dos Reis e de Teixeira Lopes, não destroem o comentário, porque esses mesmos, se fizeram imagens, não lhes imprimiram a expressão de sentimento fundamente religioso, que as fizesse mais celestiais do que humanas, menos estátuas e mais imagens. A consequência foi a entrega da imaginária dos templos, tão insinuante no século XVIII e primeira parte do século XIX, aos santeiros, que se sentem à larga sem concorrência artística.<sup>33</sup>

Com este intento de contribuir para elevar a qualidade estética da “imaginária dos templos”, Raul Xavier dedicou-se à arte sacra, instilando-lhe uma espiritualidade “de alma aberta ao ar livre”, no dizer de Émile Schaub-Koch<sup>34</sup>.

O escultor modelou mais de uma dezena de peças de arte sacra ao longo de três décadas, dos anos 30 aos anos 60 do séc. XX, entre as quais se destacam: Santo António (1939), que foi 1ª medalha da XXXVII Exposição da S.N.B.A. (1940)<sup>35</sup>; Senhora de Fátima (madeira) e Coração de Jesus (madeira pintada), na capela real do Palácio de Queluz (1945). Durante os anos de 1959 e 1960, são inauguradas sucessivamente as estátuas que constituem o Pórtico dos doutores marianos – Cirilo de Alexandria (376-444)<sup>36</sup>, Bernardo de Claraval (1090-1153)<sup>37</sup>, António de

<sup>33</sup> Raul Xavier, “A Escultura em Portugal nos últimos vinte e cinco anos”, *Novidades*, 15 de Dezembro de 1948, p.6.

<sup>34</sup> «Xavier, grand créateur de vie, a le goût de la vie. Ses vierges et ses saints sont vivants, l'âme ouverte à l'air libre, et nullement dévorés d'ascétisme, créant, par des moyens que chacun sait, une fausse spiritualité.» E. Schaub-Koch, *Raul Xavier. Sculpteur Portugais*, Lisboa, 1957, p.71.

<sup>35</sup> Cf. *Gazeta de Coimbra*, 7 de Maio de 1940.

<sup>36</sup> A primeira das quatro estátuas a ser inaugurada a 30 de Agosto de 1959: cf. *Diário do Minho*, 28 de Agosto de 1959; *A Voz*, 30 de Agosto de 1959; *Jornal de Notícias*, 31 de Agosto de 1959; *O Primeiro de Janeiro*, 29 e 31 de Agosto de 1959.

<sup>37</sup> Estátua inaugurada a 29 de Maio de 1960: cf. *A Voz*, *O Primeiro de Janeiro*, *O Comércio do Porto*, *Novidades*, 28 de Maio de 1960; *Correio do Minho*, *Diário do Minho*, 29 de Maio de 1960.

Lisboa (1195-1231)<sup>38</sup>, Afonso Maria de Ligório (1696-1787)<sup>39</sup> – no Santuário do Monte do Sameiro<sup>40</sup>. Este conjunto é uma expressão depurada e culminante da produção de Raul Xavier em estatuária religiosa. Nas palavras de Fernando de Pamplona:

Sabedor, sereno, sensível, Raul Xavier ergueu há pouco no Monte do Sameiro um excelente conjunto de estatuária religiosa, com as efígies dos doutores marianos<sup>41</sup>



Entretanto, o escultor também retratou em larga estatuária vários dignitários eclesiásticos: D. Francisco Gomes de Avelar (1739-1816), Bispo do Algarve, cuja

<sup>38</sup> Estátua inaugurada a 8 de Dezembro de 1959: cf. *Diário do Minho*, 28 de Agosto de 1959; *O Primeiro de Janeiro*, 8 de Dezembro de 1959.

<sup>39</sup> A última das 4 estátuas a ser inaugurada a 24 de Agosto de 1960: cf. *O Século*, *Diário de Notícias*, *A Voz*, *Jornal de Barcelos*, 25 de Agosto de 1960; *O Comércio do Porto*, 27 de Agosto de 1960; *Correio do Minho*, *Diário Popular*, 28 de Agosto de 1960; *Correio do Minho*, 30 de Agosto de 1960; *O Primeiro de Janeiro*, 27 e 30 de Agosto de 1960.

<sup>40</sup> Cf. *O Comércio do Porto*, 7 de Novembro de 1957; Hermenegildo Alves Fernandes, "O Escultor Raul Xavier que expõe nas Belas-Artes trabalha nas imagens dos quatro Doutores da Igreja que sempre defenderam o dogma da Imaculada Conceição", *A Voz*, 24 de Novembro de 1957; *Voz de Portugal*, 12 de Outubro de 1958; Pinheiro Torres, "O Sameiro e a Arte", *Ecos do Sameiro*, Nº383 (Ano XXXIII), Novembro de 1958. «Saíram há pouco das mãos do escultor Raul Xavier quatro grandiosas estátuas que representam os quatro doutores da Igreja que mais contribuíram para o culto da Virgem. São, pois, estas quatro figuras, pináculos da Igreja cristã, que recebem os peregrinos no "pórtico dos doutores marianos".» Mário Areias, *A Estatuária Religiosa no Monte do Sameiro*, Lisboa, 1961, p.9.

<sup>41</sup> Fernando de Pamplona, "Estatuária de ontem e de hoje", *Diário da Manhã*, 22 de Junho de 1961.

estátua erigida em Faro foi inaugurada a 14 de Junho de 1940<sup>42</sup>; o Papa Pio IX, o Papa da Imaculada Conceição, cuja estátua foi erigida e inaugurada no Santuário do Monte do Sameiro em 1954<sup>43</sup>; e o Papa Pio XII (1956), o Papa da Assunção de Maria, cuja estátua, a primeira estátua mundial deste Papa, foi erigida e inaugurada em Braga a 15 de Maio de 1957<sup>44</sup>.

\*

No âmbito da estatuária religiosa de Raul Xavier, há uma estátua que andou meio-perdida, meio-esquecida, até encontrar o lugar em que finalmente se encontra: trata-se da estátua de S. Vicente, padroeiro da cidade de Lisboa.

A presença de S. Vicente na produção de Raul Xavier começou na Sala Lisboa, da Exposição do Mundo Português, em 1940, conforme reporta Luís Chaves:

No Pavilhão de Lisboa na Exposição do Mundo Português, em 1940, ali no histórico bairro de Belém, esteve imponente a estátua do Santo, e muito bem como as necessidades históricas e do ambiente lisiponense exigiam: foi autor dessa formosa interpretação de S. Vicente o escultor bem conhecido que se chama Raul Xavier. – Penalizou-me a ideia de que a estátua desaparecesse num canto aonde fossem parar os restos mais ou menos mutilados da Exposição.<sup>45</sup>

A 21 de Janeiro de 1949, foi exposto ao público um modelo da estátua de S. Vicente, da autoria de Raul Xavier, no âmbito das comemorações em honra de S. Vicente, padroeiro de Lisboa<sup>46</sup>. A inauguração da estátua, a ser colocada na arcada fronteira

---

<sup>42</sup> Monumento erigido em frente da Sé de Faro, por encomenda da Câmara Municipal e da Comissão de Turismo da mesma cidade. Cf. *Diário de Notícias*, 15 de Junho de 1940; Luís Chaves, “A estátua do Bispo do Algarve D. Francisco Gomes de Avelar: Raúl Xavier seu escultor”, *Novidades*, 14 de Junho de 1942.

<sup>43</sup> Por ocasião do centenário da definição do dogma da Imaculada Conceição: cf. *Diário de Notícias*, 25 de Maio de 1954; *Comércio do Porto*, 8 de Junho de 1954; *Novidades*, 13 de Junho de 1954; *Correio do Sul*, 24 de Junho de 1954.

<sup>44</sup> Cf. *O Comércio do Porto*, 3 de Março de 1956, 15 de Maio de 1957; *Correio do Minho*, 3 de Março de 1956, 16 de Maio de 1957; *O Mundo Português* (Rio de Janeiro, Br.), 10 de Fevereiro de 1957; *Diário de Lisboa* e *Diário Popular*, 28 de Fevereiro de 1957; *Diário de Notícias* 1 de Março, 20 de Abril e 16 de Maio de 1957; *Jornal de Notícias*, 1 de Março, 20 de Abril e 16 de Maio de 1957; *O Século*, 1 de Março e 16 de Maio de 1957; *Diário da Manhã*, 2 de Março e 16 de Maio de 1957; *Flama*, nº 471 (Ano XIII), 15 de Março de 1957, 24 de Maio de 1957; *A Voz*, 1 de Março e 16 de Maio de 1957, 10 de Outubro de 1958; *Novidades*, 16 de Maio de 1957; *O Primeiro de Janeiro*, 1 de Março e 16 de Maio de 1957; *O Cronista*, Nº66 (30/3/1957), p.4; *Ecos do Sameiro*, 16 de Maio de 1957; *Correio do Sul*, 16 de Outubro de 1958, assinalando a morte de Pio XII.

<sup>45</sup> Luís Chaves, “Que é dela a estátua de S. Vicente, o padroeiro de Lisboa?”, *Novidades*, 23 de Janeiro de 1953.

<sup>46</sup> Cf. *Diário Popular*, 21 de Janeiro de 1949. A 25 de Julho de 1949, num artigo sobre a “Modernização e aformoseamento de Lisboa”, o *Diário de Notícias* reportava: «Estátuas – A Câmara Municipal de Lisboa contratou com os escultores Leopoldo Neves de Almeida e Raul Maria Xavier, respectivamente a execução dos estudos em barro e em gesso das estátuas de António Feliciano Castilho e de S. Vicente, por 60 contos a primeira e 50 contos a segunda. A estátua de António

a quem sobe a escadaria monumental nos Paços do Concelho de Lisboa, estava prevista para 22 de Janeiro do ano seguinte. A 12 de Dezembro de 1949, os membros do Conselho de Arte e Arqueologia da Câmara Municipal de Lisboa (C.M.L.) – presidido pelo arquitecto Vasco Regaleira e constituído pelo engenheiro Vieira da Silva, o jornalista Matos Sequeira, o escultor Leopoldo de Almeida, o arquitecto Couto Martins e o dr. Jaime Lopes Dias – apreciaram o modelo da estátua no atelier do escultor a fim de sobre ela emitirem parecer<sup>47</sup>. Os factos revelam que o modelo da estátua não satisfez os membros do Conselho, uma vez que um ano depois, em 1950, a revista *Flama* noticiava a existência de cinco maquetas, entre as quais tinha sido escolhida uma, que não a inicial, pela Comissão de Arte e Arqueologia da C.M.L.<sup>48</sup>. No entanto, a maqueta noticiada como escolhida não foi colocada na C.M.L.. Um ano depois, em 1951, a mesma revista *Flama*, num artigo de Frei Diogo Crespo, dava conta de que, afinal, a estátua tinha sido rejeitada pela referida Comissão, pela “impossibilidade de integrar a Estátua de S. Vicente no novo arranjo do átrio dos Paços do Concelho”<sup>49</sup>. No ano seguinte, Luís Chaves ainda perguntava “Que é dela, a estátua de S. Vicente, o padroeiro de Lisboa?”<sup>50</sup>, e o *Correio do Sul* publicava um artigo sobre S. Vicente com uma fotografia do último modelo da estátua, que trazia a seguinte legenda: «S. Vicente, a notável estátua de Raul Xavier que há anos aguarda num depósito da Câmara de Lisboa o condigno aproveitamento que merece»<sup>51</sup>.

---

Feliciano Castilho destina-se a um dos quatro plintos da Avenida da Liberdade, onde estiveram as figuras alegóricas que ornaram, actualmente, a estátua de D. Maria II; a de S. Vicente será colocada no edifício dos Paços do Concelho.»

<sup>47</sup> Cf. “Vai ser colocada uma estátua de S. Vicente no edifício da Câmara Municipal de Lisboa”, *Diário de Notícias*, 13 de Dezembro de 1949; “Uma estátua de S. Vicente será inaugurada em 22 de Janeiro no grande “hall” do Município de Lisboa”, *O Século*, 13 de Dezembro de 1949; “O escultor Raul Xavier vai executar uma estátua de S. Vicente com três metros de altura para a Câmara Municipal de Lisboa”, *Novidades*, 13 de Dezembro de 1949.

<sup>48</sup> Cf. “S. Vicente para a Câmara Municipal de Lisboa”, *Flama*, 20 de Janeiro de 1950.

<sup>49</sup> «Mas passam dois anos e..., nada. O S. Vicente, realização plástica magnífica de Mestre Raúl Xavier, nunca mais apareceu na sumptuosa escadaria da *Domus Municipalis*. – Tirei informes e veio-me resposta lacónica de ofício dirigido ao Escultor, que reza assim: “Informo V. Ex.<sup>ª</sup> que a Comissão Municipal de Arte e Arqueologia, em sua reunião de 21 de Dezembro último, emitiu, por unanimidade, o parecer de que, na impossibilidade de integrar a Estátua de S. Vicente no novo arranjo do átrio dos Paços do Concelho, a mesma devia ser rejeitada.” (7 de Fevereiro de 1951)» João Diogo Crespo, “A Minha Tribuna: Espiritualidade e Estética”, *Flama*, Ano VIII, 8 de Fevereiro de 1952.

<sup>50</sup> Luís Chaves, “Que é dela a estátua de S. Vicente, o padroeiro de Lisboa?”, *Novidades*, 23 de Janeiro de 1953.

<sup>51</sup> *Correio do Sul*, 28 de Fevereiro de 1952.

Após mais de uma década de hibernação, e já depois da morte do escultor, a estátua de S. Vicente voltou à ribalta das atenções públicas em 1967, quando a Câmara Municipal de Lisboa (CML), então presidida pelo general França Borges, consultou a Direcção-Geral do Ensino e das Belas-Artes sobre a possível localização da estátua no Largo de S. Vicente de Fora. O parecer deste organismo público foi negativo e lamentado na Câmara<sup>52</sup>.

Só em Outubro 1970, sob a presidência do Eng. Santos e Castro na C.M.L., foi finalmente colocada e inaugurada a estátua do Santo padroeiro da cidade de Lisboa no lugar onde hoje se encontra, isto é, no Largo das Portas do Sol, junto à Igreja e Miradouro de Santa Luzia<sup>53</sup>.



S. Vicente

A autora deste trabalho, então com 11 anos, acompanhou seu pai e sua tia, Luís Américo Xavier e Maria Adelaide de Oliveira Xavier Santana Godinho, filhos do escultor, à inauguração da estátua de S. Vicente nas Portas do Sol.

### 3.5. A nossa História: Aljubarrota

A escultura de Raul Xavier também honrou figuras da nossa história, como ilustram as seguintes peças: a estátua de Vasco da Gama, no vestíbulo do Aquário Vasco da Gama em Algés (1926)<sup>54</sup>; os bustos dos navegadores portugueses Gil

<sup>52</sup> Cf. *Diário Popular*, 20 de Dezembro de 1967; *Diário de Notícias*, 23 de Fevereiro de 1968.

<sup>53</sup> Cf. *Diário de Notícias*, 26 de Outubro de 1970, p.9; *Correio do Sul*, 29 de Outubro de 1970; A.M.Z., "As Estátuas que Lisboa tem (2) Onde se fala de presentes e de ausentes", *O Diabo*, 22 de Outubro de 1985.

<sup>54</sup> Cf. *Notícias de Guimarães*, 22 de Agosto de 1937.

Eanes e Fernão de Magalhães (1929-1930), em cimento armado, que figuraram na Exposição de Sevilha; e a estátua do Santo Condestável, Frei Nuno de Santa Maria, que foi inaugurada a 3 de Maio de 1952 no Liceu de Nun'Alvares em Castelo Branco<sup>55</sup>. Entre as figuras históricas, o Condestável Nuno Álvares Pereira é a figura central na sua produção escultórica, pois é o motivo fulcral dos trabalhos de larga escala sobre Aljubarrota, e viria ainda a dar origem a um medalhão e a uma medalha<sup>56</sup>.

As obras sobre Aljubarrota inscrevem-se, aliás, num género de escultura em que Raul Xavier também se distinguiu: os baixos-relevos e a composição de frisos. Neste género, cabe referir: os frisos decorativos da Estação do Cais do Sodré, “alusivos à viação eléctrica”<sup>57</sup>; o baixo-relevo decorativo para o Mercado Municipal de Peniche (1930); a Palma de bronze, homenagem dos alunos das escolas militares portuguesas à memória de El-Rei D. Sebastião, deposta por duas centenas de cadetes no monumento ao mítico rei português em Alcácer-Quibir, em Agosto de 1942<sup>58</sup>; ou, ainda, os Baixos-relevos decorativos na Ponte Duarte Pacheco.

Todavia, os trabalhos mais significativos do escultor, nesta vertente da sua produção, são, sem dúvida, as duas obras sobre Aljubarrota.

A primeira é o baixo-relevo da Sala D. João I, na Exposição do Mundo Português em 1940<sup>59</sup>, pela qual o escultor recebeu o oficialato da Ordem de Cristo. Trata-se de uma obra que ilustra bem a mestria de Raul Xavier na arte da composição, que lhe é reconhecida por Émile Schaub-Koch<sup>60</sup>. Este teórico hegeliano da arte caracteriza, em geral, a criação escultórica de Xavier segundo uma dialéctica interna à génese estética da obra de arte, constituída por em três estádios: o 1º estádio, arquitectural, (geométrico, abstracto); o 2º estádio, dinâmico (síntese de forma e movimento); e o 3º estádio, criação da natureza, síntese harmónica e vital de

---

<sup>55</sup> Cf. *Diário de Notícias*, 3 de Maio de 1952; *Diário da Manhã*, 7 de Maio de 1952.

<sup>56</sup> Cf. *Novidades*, 6 de Janeiro de 1961.

<sup>57</sup> Cf. *Notícias de Guimarães*, 22 de Agosto de 1937.

<sup>58</sup> Cf. *Diário de Notícias*, 5 de Agosto de 1942.

<sup>59</sup> Cf. Carlos Sombrio, “Em louvor da Arte e da Historia Portuguesas: a «Sala Aljubarrota» no Mundo Portuguez, e a acção do escultor Raul Xavier”, *Jornal de Notícias*, 26 de Maio de 1940. Cf. “Uma estatística curiosa: cem artistas plásticos trabalharam na Exposição do Mundo Português”, *Diário de Lisboa*, 23 de Julho de 1940; “«Sic transit...» O fim da Exposição de Belém. Vai amanhã a leilão tudo o que não interessa ao Estado”, *Diário de Lisboa*, 18 de Julho de 1941.

<sup>60</sup> Cf. Émile Schaub-Koch, *Raul Xavier. Sculpteur Portugais*, Lisboa, 1957, p.3.

pensamento e emoção<sup>61</sup>. Quanto à Sala D. João I, em especial, o mesmo teórico e crítico de arte considera que é, porventura, a obra-prima do escultor, e dedica uma cuidada descrição aos seis baixos-relevos que a compõem, na sua obra *Raul Xavier. Sculpteur Portugais* (1957)<sup>62</sup>.

Numa entrevista dada no último ano da sua vida, em 1963, o escultor recordava a obra pela sua dificuldade:

Qual o trabalho mais difícil para si? – As dificuldades dos trabalhos esquecem-se depressa, uma vez concluídos, contudo lembro-me do baixo relevo que fiz na Sala D. João I, feito directamente na pedra com a altura de 6 metros <sup>63</sup>.



Sala D. João I, Exposição do Mundo Português (1940)

<sup>61</sup> «Il passe d'abord de l'humanité fictive, imaginaire, à l'humanité réelle. Même périple de l'âme fictive, du point de vue abstrait, à la réalité concrète où se matérialise la pensée. Enfin la Création. Dès lors, le Maître, ne subit plus le monde. Il le conçoit et il le fait. Il se peut que le premier stade soit architectural et ceci pour la simple raison que l'expression de l'architecture est celle de la pensée, de cet humanisme qui nous vaut la représentation plastique d'une humanité idéale. Dans cette sphere, toute pensée est créatrice d'émotion et affirme par là la présence de l'homme dans l'artiste qui d'abstrait se concretise. Il y a donc un mode general d'expression: ligne, style et rythme, attitude ou mouvement. Le tout reste géométrique au départ, pour arriver à la vie qui se traduit par des sensations, des émotions, dès l'esprit. – Le deuxième stade correspond au *chant de la mer* tel que le comprit Michelet, suggestif d'expressions neuves ou synthétiques: mouvements rythmiques ou passionnels issus de l'ombre, de la lumière, exprimés par des lignes et des formes. – Il va de soi que le troisième stade met en oeuvre tous les éléments précipités. C'est en somme la création de la nature par l'artiste telle que Wilde la comprit: l'émotion, nature de la pensée et de sa forme, elle même conséquence harmonique de la nature de l'émotion, de la *vision préalable*, du travail graphique de la pensée. Caractère primitivement interne de l'émotion, de la sensation, de la vision. Et, une fois de plus il est établi que l'oeuvre d'art ne vient pas du dehors mais bien de l'âme et du coeur de l'artiste. De cette théorie qui nous est suggérée par l'étude approfondie de l'oeuvre de Xavier et qui en constitue la genèse esthétique plausible, nous avons les renseignements les plus précis sur l'art monumental qu'elle affecte par les oeuvres elles-mêmes.» E. Schaub-Koch, *Raul Xavier. Sculpteur Portugais*, Lisboa, 1957, pp.26-28.

<sup>62</sup> Cf. *Op.cit.*, pp.30-38. A obra mais significativa de Raul Xavier, escolhida para figurar em: Émile Schaub-Koch, *Valeurs de Rappels d'Esthétique Comparative*, Lisbonne, Publication sous les auspices de l'International Institute of Arts and Letters, 1958, fig.109.

<sup>63</sup> "Raul Xavier: o Escultor dos Papas", *O Mundo Português*, 24 de Março de 1963, 1º cad., p.5.

A segunda obra sobre Aljubarrota vem à luz vinte anos mais tarde e intitula-se “Alegoria à Vida Militar de D. Nuno Álvares Pereira”. É o friso de 12 metros de comprimento e curvatura de 21 metros de raio, em baixo-relevo, para evocação da batalha de Aljubarrota junto à Capela de S. Jorge, em Aljubarrota, que foi inaugurado a 14 de Agosto de 1960<sup>64</sup>.



Alegoria à Vida Militar de D. Nuno Álvares Pereira (1960)

Um poema satírico de Armando Boaventura evoca assim o escultor do Grupo alegórico, disfarçando nele uma crítica à elite política do seu tempo:

E Raúl Xavier? Vivo ou morto,  
 Ou, talvez, que absorto,  
 Qual Phideas estatuário,  
 No seu sonho de Artista visionário,  
 De ser inda o autor,  
 Como insigne escultor,  
 Do monumento histórico,  
 O Grupo alegórico  
 Que há-de perpetuar nossa “Matilha”,  
 Como símbolo imortal  
 De que nem tudo, hoje, em Portugal,  
 É mísera ... “quadrilha”?...

#### 4. A crítica: os atributos do escultor

Vários foram os atributos que Raul Xavier recebeu na imprensa: “artista consciencioso e modesto”<sup>65</sup>; “trabalhador infatigável”<sup>66</sup>; “um artista humilde mas

<sup>64</sup> Cf. *O Século*, *Novidades*, *A Voz*, 27 de Outubro de 1959; *Diário Popular*, 30 de Outubro de 1959. Friso inaugurado a 14 de Agosto de 1960: cf. *A Voz*, 30 de Julho e 10 de Agosto de 1960; *O Século*, 30 de Julho, 10 e 15 de Agosto de 1960; *Diário de Notícias*, 31 de Julho de 1960, 13 de Agosto de 1960, p.5; *Novidades*, 14 de Agosto de 1960.

<sup>65</sup> Cf. “Um artista novo”, *O Occidente*, 38º Ano, XXXVIII Volume (Lisboa, 10 de Fevereiro de 1915) Nº 1300, p.44.

cheio de talento”<sup>67</sup>; “artista de grande merecimento e dum admirável espírito realizador”<sup>68</sup>; “o escultor da serenidade”<sup>69</sup>; “estatuário e imaginário de sensibilidade poética”<sup>70</sup>; “É modesto, perseverante e apaixonado pelo trabalho”<sup>71</sup>; “o poeta da pedra”<sup>72</sup>. Os seguintes trechos são sínteses expressivas dos atributos de Raul Xavier como escultor:

Entre os escultores do nosso tempo trabalha como poucos, com laboriosidade e valor, entusiasticamente, Raúl Xavier. Nunca o encontrei ocioso.<sup>73</sup>

O escultor statuário Raul Xavier pode apontar-se como um exemplo de sereno e constante esforço servido por uma ansia de perfeição, já alcançada.<sup>74</sup>

Raul Xavier é um trabalhador incansável, perseverante, embora sempre modesto.<sup>75</sup> Aqui, é um torso de rocha que se transformou em carne viva; acolá, vejo uma cabeça máscula, serena, a que os veios da madeira dão uma expressão mais humana; além, brinca na pureza translúcida do mármore, um sorriso de criança, confortante, apaziguador!<sup>76</sup>

Serenidade, mas não sem emoção:

Não tem revoltas, não sabe o que é o ódio, não lhe conhece talvez o seu valôr, a sua força e a sua beleza até, mas quando desce á tristeza humilde ele sabe trazer e dar aos seus bustos a dôr que implora e, se exige, é chorando e beijando; mas quando se eleva e abraça a alegria que é loucura de Sol, ele imprime aos seus trabalhos a vida redentora que canta e espalha victorias nas almas e na terra.<sup>77</sup>

<sup>66</sup> Cf. *Jornal do Comércio e das Colónias*, 29 de Agosto de 1917; “Incansável trabalhador”, *Jornal de Notícias*, 24 de Julho de 1943.

<sup>67</sup> Cf. “Panorama geral da 30.<sup>a</sup> exposição da Sociedade Nacional de Belas Artes”, *Diário de Lisboa*, 9 de Abril de 1933; «Falar de Raul Xavier é falar de um homem muitíssimo modesto, mas é falar também de um espirito artista de grande valor. As suas qualidades de trabalho, que são enormes, caminham a par e passo com o seu talento.», F. Pereira da Costa, cit. em “Um escultor português de Macau modelou e ofereceu o busto do senhor dr. Fidelino de Figueiredo”, *Voz de Portugal*, 29 de Janeiro de 1939.

<sup>68</sup> A propósito do medalhão de Oliveira Martins: cf. *O Século*, 24 de Agosto de 1934.

<sup>69</sup> Cf. Carlos Sombrio, “Raul Xavier – o Escultor da Serenidade e o seu monumento ao Arcebispo-bispo Gomes de Avelar”, *Jornal de Notícias* (Porto), 30 de Novembro de 1939.

<sup>70</sup> Luís Chaves, “Homenagem a Carlos Reis”, *Novidades*, 2 de Maio de 1945.

<sup>71</sup> A. Lopes de Oliveira, “Na oficina de Raul Xavier”, *Novidades*, 12 de Janeiro de 1947.

<sup>72</sup> Cf. “Raul Xavier: o poeta da pedra”, *O Século Ilustrado*, 14 de Janeiro de 1950.

<sup>73</sup> Luís Chaves, “Raul Xavier Escultor”, *Novidades*, Suplemento Literário “letras e artes”, Ano II, N<sup>o</sup> 41, 4 de Junho de 1939, p.4.

<sup>74</sup> “Rumo do Espirito. Arte e Artistas: Raul Xavier”, *Notícias de Guimarães*, 29 de Junho de 1941.

<sup>75</sup> Cf. “A estátua de Sua Santidade o Papa Pio XII pelo escultor Raul Xavier”, *O Cronista*, n<sup>o</sup> 66, 30 de Março de 1957.

<sup>76</sup> Manoel Óscar, “Uma visita à oficina de Raul Xavier”, *Aléo*, Ano III, N<sup>o</sup> 10, III Série, 26 de Julho de 1944.

<sup>77</sup> José Rebelo, *Apontamentos. Arte, Artistas e Perfis*, Lisboa, 1917, p.15.

Alma de poeta, vive a inquietação do artista, chama de cirial, que não morre à míngua de cera.<sup>78</sup>

A síntese de serenidade e emoção também aparece em duas figuras alegóricas, que Raul Xavier escultor terá concebido pelo gosto da arte: a Serenidade (1936), estátua de gesso patinado apresentada na 33<sup>o</sup> Salão da S.N.B.A.; e a Saudade (1932), talhe directo em pedra macia. Estas duas figuras podem não ser a expressão mais incontornável da obra do escultor, mas conjugam-se numa síntese de Oriente e Ocidente, que são inseparáveis na personalidade e na arte do escultor: a Serenidade, que evoca uma virtude do Oriente, é uma peça de traços neoclássicos do Ocidente; e a Saudade, que evoca o mais característico sentimento português, é uma figura de oriental atitude meditativa. Esta é, com efeito, uma atitude que se repercute expressivamente em grande parte das obras do escultor macaense.

Fernando de Pamplona refere-se assim ao escultor e à sua obra: «Raul Xavier, escultor notável, cuja obra despida de fáceis sensacionalismos, é profundamente humana»<sup>79</sup>. Uma obra “profundamente humana”, no que isso significa de vulnerável e sensível, de autêntico e genuíno, na nossa humanidade comum, que o escultor não se cansou de retratar multifacetadamente na sua escultura.

Amadeu Ferreira de Almeida traduz o “Testamento” de Augusto Rodin e dedica-o a Raul Xavier<sup>80</sup>. Destacamos alguns passos do “Testamento”, a propósito de atributos do escultor português:

Um verdadeiro trabalho: «É preciso paciência. Não conteis sobre a inspiração. Ela não existe. As únicas qualidades do artista são: saber, atenção, sinceridade, vontade. Executai o vosso trabalho como operários honestos.»

A sinceridade: «Sede profundamente, ferozmente verídicos. Não hesiteis nunca em exprimir aquilo que sentis, mesmo se vos encontras em oposição com as ideias recebidas. Talvez não sereis compreendido imediatamente, mas o vosso isolamento será de curta duração. Alguns amigos virão cedo até vós; porque o que é profundamente verdadeiro para um homem o é para todos. – Por conseguinte nada de trejeitos, nada de contorções para atrair o público. Apenas simplicidade, apenas sinceridade!»

---

<sup>78</sup> Luís Chaves, “Raul Xavier Escultor”, *Novidades*, Suplemento Literário “letras e artes”, Ano II, Nº 41, 4 de Junho de 1939, p.4.

<sup>79</sup> Fernando de Pamplona, “«Raul Xavier sculpteur portugais» ensaio crítico do Prof. Emile Schaub-Koch”, *Diário da Manhã*, 22 de Novembro de 1958.

<sup>80</sup> Amadeu Ferreira de Almeida, “Um documento exemplar: o testamento de Rodin. Ao meu bom amigo e escultor Raul Xavier”, *Diário de Lisboa*, 24 de Setembro de 1958.

A objectividade crítica face à crítica: «Deveis acolher as críticas justas. Reconhecê-las-eis facilmente. São aquelas que vos confirmarão numa dúvida sobre que estais assediado. Não vos deixeis influenciar por aquelas que a vossa consciência não admite. – Não temeis as críticas injustas. Elas revoltarão os vossos amigos, e forçá-los-ão a reflectir sobre a simpatia que vos dedicam e mostrá-la-ão mais resolutamente quando melhor descobrirem os motivos.»

A humanidade: «O grande ponto consiste em comover-se, amar, esperar, estremecer, viver. Ser homem antes de ser artista!»

“A alegria de bem fazer”: «O artista dá um grande exemplo. Se adora o seu ofício a sua mais preciosa recompensa é a alegria de bem fazer. Actualmente, porém, persuadem os operários para sua infelicidade de detestar o seu trabalho e de o sabotar. O Mundo não será feliz senão quando todos os homens tiverem almas de artista, isto é quando todos sentirem prazer na sua ocupação.»

Alguns destes atributos também ecoam no testemunho poético de um aluno:

#### A NOSSA RECORDAÇÃO

Ao Senhor Professor, Escultor Raul Xavier

Ofereço só isto, não é fortuna,

Só, colhidos em hora oportuna,

Seriam melhores, em meu entender:

Assim pobres versos que ireis dizer ...

Ao grande artista, desenho, pintura?

Não ides dizer coisa nenhuma!

Do que ele foi, o que é, em seu atelier:

A sua modéstia o seu talento ...

Fecunda obra, grande relevo,

Imagens dizem baixinho em segredo,

Nós somos dele a alma e o alimento ...

Estátuas e bustos, exprimem gratidão

Serenas e tristes, como agradecer-lhe?

Imagens agradecidas, vamos dizer-lhe

Ficará para sempre, a nossa recordação!

Lisboa, 29 de Maio de 1961

Agostinho Carneiro

## 5. A vida pela arte e a arte pela vida

Raul Xavier foi um escultor que conseguiu viver focado na sua arte e, desse modo, viver pela arte. Tal não teria sido possível, no entanto, se o escultor não tivesse também conseguido viver da sua arte, concorrendo a concursos públicos e correspondendo a encomendas, quer do Estado quer da Igreja católica quer de instituições, regiões e grupos de cidadãos, que promoviam subscrições públicas para erigir monumentos a figuras de mérito. Raul Xavier viveu pela arte e praticou a arte pela vida, mesmo que tenha sentido alguma contradição interna nesta dialéctica, isto é, no exercício da arte por gosto e por objectivo, como nos parece sugerir contidamente no seguinte passo de uma entrevista conduzida por Lopes de Oliveira:

Parece que se sente satisfeito com a arte que escolheu? – RX. Necessariamente que sim. É mesmo a razão forte da minha existência. Afirmo-lhe que vivo devotadamente para a arte, numa ânsia suprema de perfeição, com toda a minha alma e com toda a minha fé em Deus. Só tenho pena que às vezes não possa dedicar-me exclusivamente, como desejaria, à arte, como é merecedora.<sup>81</sup>

Na mesma entrevista, o escultor respondia assim às perguntas que lhe eram feitas sobre as condições materiais do exercício da sua arte:

O ambiente é-lhe favorável, materialmente? – Sim, duma maneira geral. Tem os seus quês arreliaadores. Mas quem é que há na vida totalmente feliz? – Estou mesmo a ver que a sua arte compensa bem o esforço, a dedicação que nutre por ela... – Podia ser melhor. Mas também podia ser pior. – E o Estado é bom cliente, não é verdade? – Não é dos melhores, mas também não podemos classificá-lo de mau.<sup>82</sup>

Respostas prudentes, contidas, nunca excessivas, decerto por diplomática conveniência, mas também expressivas de interior sabedoria, qual virtude do meio, capaz de ponderar já serenamente o que a vida procura e o que a vida traz.

Alguns anos mais tarde, entrevistado por Hermenegildo Alves Fernandes, o escultor é já explícito no reconhecimento do Estado como sustentáculo da sua arte:

---

<sup>81</sup> A. Lopes de Oliveira, “Como se faz escultura em Portugal: Grandeza e limites da Arte. Raul Xavier no seu refúgio de trabalho”, *Novidades*, 27 de Fevereiro de 1949, p.3.

<sup>82</sup> *Ibidem*.

Quais são os estímulos mais necessários para o escultor? – É ter encomendas. É o público comprar e encomendar. Nós, além de precisarmos de viver, temos de comprar todo o material necessário para podermos trabalhar. Contudo, só o Estado é que nos tem auxiliado com as suas encomendas. Se não fosse ele estaríamos numa posição muito grave. Quais são os particulares que encomendam obras?<sup>83</sup>

O mesmo depoimento num inquérito sobre a Exposição de Artes Plásticas então em preparação pela Fundação Calouste Gulbenkian:

Para que haja estímulo é preciso que haja compensação, e o problema é, neste caso, doloroso, visto que o público que ocorre às exposições, o único capaz de olhar com olhos de ver para a obra de arte, é, em geral pouco abonado, e daí a desilusão do artista, que se vê obrigado a recolher a sua produção ao *atelier*, e na escultura pior ainda: o Estado é o seu único cliente.<sup>84</sup>

Todavia, múltiplas foram as obras que modelou pelo simples gosto de modelar, como ilustram muitos estudos de pequena dimensão.

Decerto também por gosto, o escultor praticou a arte de humor, como ressalta nas estatuetas-caricatura de figuras relevantes da nossa cultura: Abel de Vasconcelos Cardoso (1938), pintor e professor da Escola Industrial e Comercial de Francisco da Holanda; José Leite de Vasconcelos (1942), médico, linguista e arqueólogo, estatueta em bronze (3 reproduções) com chapéu de copa alta, abas largas, segurando na mão direita um guarda-chuva e uma pasta no braço esquerdo; Albino Forjaz de Sampaio (1943), escritor de estilo mordaz e irónico; e Joaquim de Carvalho (1944), professor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, caminhando de mãos atrás das costas.



José Leite de Vasconcelos (1942)

<sup>83</sup> Hermenegildo Alves Fernandes, "O Escultor Raul Xavier que expõe nas Belas-Artes", *A Voz*, 24 de Novembro de 1957.

<sup>84</sup> "A Fundação Calouste Gulbenkian e a Cultura Portuguesa. A próxima exposição de Artes Plásticas", *O Cronista*, Nº 74, 23 de Novembro de 1957, p.5.

## 6. O reconhecimento dos outros

Raul Xavier foi um escultor que teve a felicidade de conhecer o apreço de muitos artistas seus contemporâneos. Dão testemunho disso, os vários trabalhos que retrataram o escultor em pintura, desenho ou caricatura: o Lápis de J. Costa Rebocho (1932); o Óleo de Pedro Guedes 2ª Medalha da 34ª Exposição da S.N.B.A. (1937); as Caricaturas de Alonzo e de Arnaldo Ressano Garcia (1943); o Óleo de Álvaro Perdigão (1952); o Óleo e o Pastel de Domingos Rebelo (1950).



Caricatura de Alonzo

O apreço dos outros, de que fruiu Raul Xavier, poderá compreender-se em parte pela sua personalidade amável e amigável. Já num opúsculo de 1917, sobre os perfis de alguns artistas, José Rebelo caracterizava assim o então moço escultor: «Não tem revoltas, não sabe o que é o ódio»<sup>85</sup>.

E, em consonância com o seu carácter amigável, o escultor também reconhecia os outros, os outros artistas, os outros escultores. Num artigo do próprio Raul Xavier, intitulado “A Escultura em Portugal nos últimos vinte e cinco anos” (1948), o próprio escultor reconhecia assim o mérito dos escultores seus contemporâneos, considerando a tradição em que se inscreviam e a inovação que traziam:

Os escultores destes últimos vinte e cinco anos (1923 a 1948) continuaram em Lisboa e Porto a tradição artística das duas cidades ou melhor das duas regiões principais de estímulos e obras de arte em Portugal. – A de Lisboa descende prestigiosamente do centro artístico de Maфра, pela influência e sugestão de

<sup>85</sup> José Rebelo, *Apontamentos. Arte, Artistas e Perfis*, Lisboa, 1917, p.15.

Machado de Castro. Pode sem dúvida afirmar-se que vêm deste Mestre escultor a renovação da escultura portuguesa e a orientação das formas novas. – Simões de Almeida (Tio), mestre directa ou indirectamente das últimas gerações de escultores de Lisboa, foi ainda discípulo de Francisco de Assis Rodrigues (1801-1877), que recebera lições de Machado de Castro, como Constantino José dos Reis. A serena harmonia de um clássico e a graciosa dignidade de português foram em Simões de Almeida servidas por técnica segura e magistral. Não podem esconder-se estes valores de virtude artística nos seus discípulos. Muitos e bons foram estes, e se não ficaram impermeáveis às influências estranhas, mantiveram a boa forma que o Mestre lhes imprimiu, sem os acorrentar a inquebrantáveis e rígidas formas suas. – [...]. – Os discípulos de Simões de Almeida foram dignos do Mestre e muitos deles o ultrapassaram em vigor de expressão e de sentimento poético; Francisco dos Santos, Simões de Almeida (Sobrinho), Costa Mota (Sobrinho), Francisco Franco, Maximiano Alves, Anjos Teixeira, José Pereira, José Neto (que enveredou para a decoração artística), continuam o Mestre em renovadas e pessoalíssimas obras de escultura de alto valor. – Simões de Almeida (Sobrinho), por seu turno, transmitiu a sua arte a discípulos, que se têm distinguido nas correntes modernas, desde o neoclassicismo sereno e equilibrado, até às concepções irreverentes e ousadas em que todavia se manifesta sempre o lirismo da gente portuguesa e frequentemente o apreciável sentido decorativo, que vem completar e formar ambiente sugestivo a este lirismo, talvez por vezes demasiado saudosista, mas evocador. São: Leopoldo de Almeida, Rui Gameiro, Barata Feio, Martins Correia, António Duarte, Anjos Teixeira (Filho), etc. – [...]. – A gente da escultura do Porto, melhor se dirá de Gaia, tem pergaminhos mais recentes, nem por isso menos nobres e de menor prestígio. O genial artista que foi Soares dos Reis, fê-la brotar e impô-la à admiração artística. Não foi um inovador de formas, foi porém um criador de obras dotado de alto poder de imaginação e de apurada técnica de representação que permitia dar poeticamente às coisas simples o encanto da criação artística. Prolongou-se pelos discípulos o impulso de arte que o animou e lhes deu em herança de Mestre. Teixeira Lopes foi o maior e mais fecundo, e de todos o que mais de perto seguiu o exemplo de Soares dos Reis. Outros, todos de grande e brilhante sensibilidade: Tomás Costa, Augusto Santo, Silva Gouveia, Marques Guimarães, etc. A geração que Teixeira Lopes lançou, mostra bem nos nossos dias o poder orientador do Mestre: Diogo de Macedo, Júlio Vaz, Alves de Sousa, António de Azevedo, Henrique Moreira, Rodolfo Pinto do Couto, Sousa

Caldas, Oliveira Ferreira, Alda da Cunha, Luís Fernandes, José Pereira dos Santos, Macário Dinis, Armando Carvalho Marques.<sup>86</sup>

Nesta breve resenha da escultura em Portugal no segundo quartel do séc. XX, escrita com o rigor da objectividade desapaixionada, são de realçar: o enquadramento dos artistas em tradições ou linhagens artísticas, ligadas a Lisboa e ao Porto, a primeira remontando a Machado de Castro, a segunda, a Soares dos Reis; a ligação estruturante de mestre a discípulo; o “lirismo” e “graciosa dignidade”, como atributos da cultura portuguesa; e a menção dos artistas sempre no seu melhor.

Sobressai, no mesmo artigo, o apreço especial pelo seu Mestre Costa Mota (Tio):

Costa Mota, discípulo de Vítor Bastos, teve personalidade forte, a um tempo lírica de português, e criadora incisiva de estados de alma.

Numa entrevista conduzida por Adérito Cabral:

Quem foi o seu Mestre? – Tive vários, mas aquele que considero como tal, foi Costa Mota (Tio).<sup>87</sup>

Numa entrevista conduzida por M. de Castro:

Diga-nos agora quais os escultores portugueses que mais aprecia? A resposta foi pronta. – Sem dúvida, Francisco Franco e Leopoldo de Almeida. – E estrangeiros? – Carpeaux, Rodin, Bordel, não falando nos clássicos.<sup>88</sup>

Na verdade, Raul Xavier compreendia os artistas, seus colegas escultores, em linhagens de continuidade com os mestres, constituindo tradições, sem que isso atentasse contra a sua originalidade ou singularidade artística. O próprio Raul Xavier se inscrevia na linhagem de Costa Mota (Tio). Terá sido essa fidelidade à corrente da tradição, a razão funda da rejeição dos seus trabalhos propostos à Exposição de Artes Plásticas da Fundação Calouste Gulbenkian na S.N.B.A., tal como aconteceu a múltiplos outros artistas contemporâneos. É, pelo menos, isso que se infere da carta de protesto, assinada pelos membros da Junta Directiva do Grupo de Artistas Portugueses (G.A.P.) – Domingos Rebelo, Francisco Esteves e Silva Lino – e publicada no *Diário de Notícias* de 21 de Dezembro de 1957, onde se escreve:

---

<sup>86</sup> Raul Xavier, “A Escultura em Portugal nos últimos vinte e cinco anos”, *Novidades*, 15 de Dezembro de 1948, p.6.

<sup>87</sup> Adérito Cabral, “Raul Xavier – O Escultor dos Papas”, *Ecoss de Belém*, 5 de Julho de 1961.

<sup>88</sup> M. de Castro, “Raul Xavier, um nome conhecido”, *Flama*, 10 de Junho de 1950.

A referida exposição foi aberta, sem reservas e sem qualidades definidas, a todos os artistas e os sócios deste agrupamento concorreram imediatamente, não só por razões profissionais fáceis de atender como também para corresponderem a uma iniciativa, pela primeira vez efectuada em Portugal. – Dúvidas se levantaram é facto, quando os jornais deram conhecimento do júri escolhido para a admissão dos trabalhos, no qual não figurava sequer um pintor, mas essa intranquilidade diluiu-se quando tivemos conhecimento da afirmação feita pelo Ex.<sup>m</sup> Sr. Presidente da Fundação à direcção da Sociedade Nacional de Belas-Artes, sobre correntes artísticas “de que a exposição não obedecia a directrizes estabelecidas, pois que a arte é uma só e só se distinguem as coisas boas das más”, afirmação esta confirmada no texto do catálogo da exposição. – Esta nobre afirmação encorajou-nos a todos e cada um, dentro da sua sensibilidade, apareceu a corresponder ao convite feito. – Todavia, a decisão do júri desmentiu tais propósitos. – O facto, porém, mais assinalável é a declaração feita por um membro desse júri no jornal “Diário Popular”, de 4 de Dezembro, que esclarece ser necessário haver coragem de afastar definitivamente os artistas que seguem as escolas de “Silva Porto ou Reis, de Malhoa ou Salgado”, ou afins, para dar lugar aos novos (os novos que seguem igualmente outras escolas não influenciados por artistas portugueses mas sim por artistas estrangeiros). – Se esta declaração tivesse sido feita corajosamente antes da admissão dos trabalhos, não iriam sujeitar-se os artistas filiados no Grupo de Artistas Portugueses, e os não filiados, a uma prova antecipadamente condenada, sem que isso representasse menos consideração pela iniciativa da Fundação Gulbenkian.<sup>89</sup>

Ainda que aqui se assinale sobretudo o descontentamento do lado dos pintores, que não desdenham inscrever-se nas escolas de pintores portugueses como “Silva Porto ou Reis, de Malhoa ou Salgado”, a carta continua enunciando uma lista de vinte e sete artistas, que não apenas pintores, entre os quais o escultor Raul Xavier, cujos trabalhos foram recusados pelo júri da Fundação Gulbenkian.

Chegava então a Portugal a tendência de ver a obra de arte como um produto de ruptura com as formas conhecidas, e não já como um produto de continuidade com a tradição das escolas estabelecidas. Neste contexto, os artistas que se inscrevem no lastro de mestres, como Raul Xavier, condenam-se à desconsideração de antiquados. Em 1961, numa entrevista de Adérito Cabral, o próprio Raul Xavier dizia qual a razão principal para não quebrar a corrente da tradição dos mestres, a

---

<sup>89</sup> Carta também publicada no *Correio do Sul*, 26 de Dezembro de 1957.

saber: «porque não sou capaz de trair a minha tendência»<sup>90</sup>. Era, pois, uma questão de conformidade consigo próprio, a sua fidelidade aos mestres.

Hoje em dia vingou de tal modo o paradigma transgressor em arte que é possível tentar definir o que é uma obra de arte como algo que prima por opor-se a todos os padrões aceites: uma obra de arte, para ser uma obra de arte, tem de chocar o público<sup>91</sup>. Ou então é possível defender que há obras de arte que se caracterizam por nos fazer questionar o que é uma obra de arte<sup>92</sup>. Mas ficam sempre as outras, isto é, aquelas que não nos fazem duvidar do que é uma obra de arte.

## 7. O escultor do medalhão e da medalha fundida

### 7.1. O medalhão

O escultor do medalhão: assim se auto-retratou o próprio Raul Xavier. Com efeito, o auto-retrato do escultor é uma estatueta-caricatura em barro com um medalhão aos pés.



Auto-retrato

Raul Xavier retratou muitas pessoas em medalhão, desenvolvendo um género de escultura que permite dar todo o protagonismo ao rosto humano, e assim

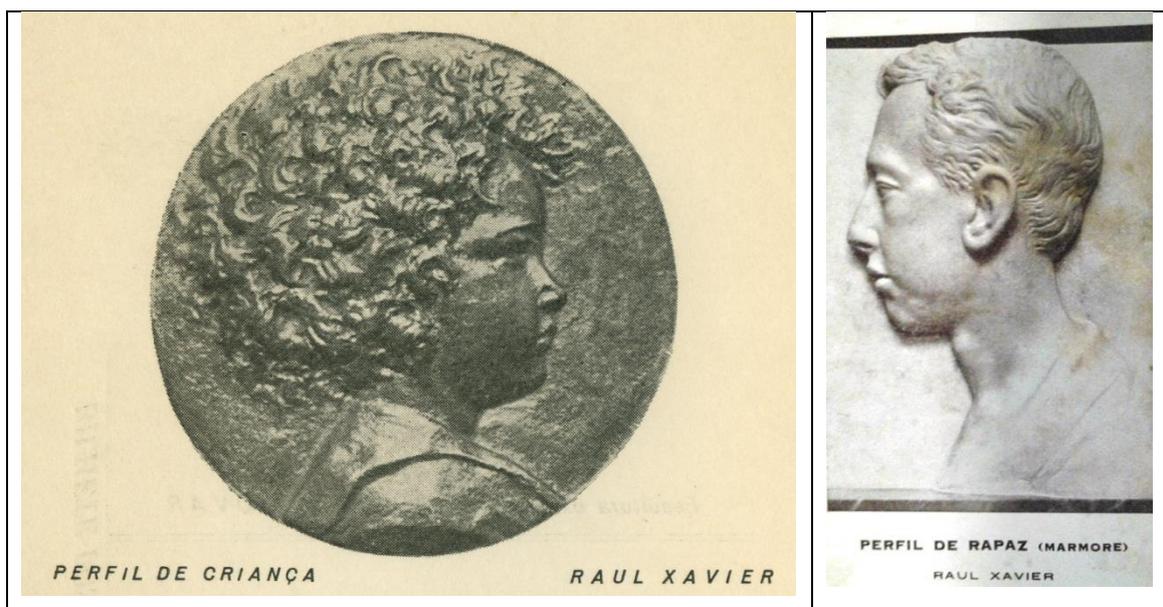
<sup>90</sup> Adérito Cabral, “Raul Xavier – O Escultor dos Papas”, *Ecos de Belém*, 5 de Julho de 1961.

<sup>91</sup> Esta tese extrema foi-nos sugerida por um actual filósofo britânico, Nigel Warburton, numa palestra proferida a 21 de Maio de 2016, em Sintra, subordinada ao título “What is Art?”.

<sup>92</sup> Como defendeu Carlos João Correia, em “O que é a Arte?”, Conferência de Abertura do Ano Lectivo em Filosofia na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, a 19 de Outubro de 2016.

sublinhar os traços de humanidade dos retratados. O medalhão acusa por isso, de modo especial, o humanismo do escultor. Para mais, tendo em conta que o medalhão foi, de facto, um dos géneros que o artista mais cultivou na sua escultura, como o atestam as dezenas de peças que modelou ao longo de três décadas.

As peças mais antigas deste género datam dos anos 30, entre as quais duas obras que retratam o filho do escultor, Luís Américo Xavier: Perfil de criança (1930) e Perfil de Rapaz (placa de mármore: 1932).



Ao longo de 30 anos, dos anos 30 ao início dos anos 60, o escultor nunca mais deixou de praticar a arte do medalhão: contam-se mais de quatro dezenas de obras, retratando familiares, amigos, pessoas ilustres e rostos anónimos.

Entre os ilustres retratados, destaquemos alguns homens das letras e das artes: Joaquim Pedro Oliveira Martins (1934), medalhão entregue ao seu sobrinho, Francisco de Oliveira Martins, a 24 de Agosto de 1934, por ocasião do 40º aniversário da morte do escritor e historiador que pertenceu ao Grupo “Vencidos da Vida” (Eça de Queiroz, Ramalho Ortigão, Guerra Junqueiro, etc.)<sup>93</sup>; David de Sousa (1942)<sup>94</sup>; Ernesto Ferreira Condeixa (1943), medalhão em bronze, homenagem da S.N.B.A. ao seu antigo director, que foi pintor e professor da Escola de Belas Artes, onde teve, como aluno de desenho, o escultor Raul Xavier, que

<sup>93</sup> Cf. *A Voz e Diário de Lisboa*, 24 de Agosto de 1934.

<sup>94</sup> Cf. “Homenagem à memória de David de Sousa”, *Diário de Notícias*, 1 de Março de 1942. Plaqueta em bronze colocada no seu túmulo: cf. *República*, 2 de Outubro de 1946, rubrica assinalando o 26º aniversário da morte do maestro.

ofereceu o medalhão; o arqueólogo Francisco Martins Sarmiento (1948), original em gesso na Sociedade Martins Sarmiento (Guimarães), que é depositária de uma colecção de obras de Raul Xavier, e que assinalou o centenário do seu nascimento (1994) com uma exposição sobre o escultor; o poeta António Aleixo (1950) e o escritor Aquilino Ribeiro (1951), escritor<sup>95</sup>.

Um destaque especial para o Professor José Leite de Vasconcelos, sobre quem Raul Xavier produziu várias obras, a primeira das quais é precisamente um medalhão de bronze, com o perfil em baixo relevo, em placa de mármore, homenagem do Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia (1934). O escultor modelou ainda outro perfil de bronze, pertença da Casa das Beiras, e duas estatuetas<sup>96</sup>, uma das quais já acima referida. Por encomenda oficial, concebeu a medalha cunhada pela Casa da Moeda no 90º aniversário natalício e no 60º aniversário da sua nomeação para professor de numismática (1948).

Várias são igualmente as obras de Raul Xavier sobre Wenceslau de Moraes, a começar pelo medalhão em lápide comemorativa (1935), destinada à casa onde nasceu o escritor. O escultor modelou ainda uma estatueta de bronze (1939), um busto de bronze e uma medalha fundida (1954) do escritor português que abraçou

---

<sup>95</sup> Cf. *O Século*, 16 de Novembro de 1951. Três medalhões em barro: cf. *O Comércio da Póvoa de Varzim*, 24 de Março de 1956.

<sup>96</sup> «O escultor Raul Xavier, discípulo da Escola das Belas Artes de Lisboa e do escultor Costa Mota (Tio), modelou o perfil do sábio português que depois transportou a um medalhão de bronze, em baixo relevo. Está assente sobre uma placa de mármore, tendo esta uma inscrição disposta à semelhança das velhas lápides romanas, e na qual se lê o seguinte: “Ao Dr. Leite de Vasconcellos Homenagem do Instituto Português de Arqueologia História e Etnografia e dos seus Admiradores IV-V-MCMXXXIV”. – O perfil mede 0,42m de altura e 0,37m de largura. A moldura, dentro da qual estão o busto e a inscrição, mede 1m de altura e 1m de largura. Deste trabalho, que está na primeira sala do Museu [Etnológico Português], e colocado junto à porta da entrada, fez o escultor algumas reproduções de gesso, coloridas, medindo cada uma 0,28m de altura e 0,21m de largura. Estas reproduções mostram-nos o perfil do Doutor Leite de Vasconcellos sobre as letras do seu nome e a assinatura do escultor. – Modelou mais tarde outro perfil do Professor. Foi também transportado ao bronze e pertence à Casa das Beiras. Mede 0,50m de altura e 0,50m de largura. Foi reproduzido no apreciado e proveitoso livro que acerca do escultor escreveu Oldemiro César e se publicou em Lisboa no ano de 1943. – São da autoria do mesmo artista duas estatuetas. A primeira, de gesso patinado de bronze está na biblioteca do Museu, e mede 0,393m de altura e 0,16m de largura. Representa o Professor de pé, com um guarda-chuva e sobraçando uma pasta. Tem na cabeça um chapéu de copa alta e abas largas. A segunda estatueta mede 0,285m de altura e 0,11m de largura. Representa o Doutor Leite em cabelo, com o sobretudo nos ombros, mãos metidas no casaco, e de aspecto meditabundo. Esta estatueta é também de gesso bronzeado, e pertence ao Conservador do Museu, o distinto etnólogo Luís Chaves.» Saavedra Machado, “Iconografia do Prof. Leite de Vasconcellos”, *Petrus Nonius*. Publicação do Grupo Português da História das Ciências, Vol. VI (Lisboa, 1943) fasc.1-2, pp.64-65. Cf. *O Primeiro de Janeiro*, 1 de Janeiro de 1958, por ocasião do centenário do nascimento do médico, etnógrafo e linguista português.

o Oriente<sup>97</sup>. Refira-se a propósito que também o poeta Camilo Pessanha, autor de *Clepsidra*, que viveu e morreu em Macau, foi modelado em traje oriental, numa estatueta de barro cozido (1944), pelo escultor macaense.

Pedro de Aguiar (1943)<sup>98</sup> testemunhou assim a elaboração do seu próprio retrato em medalhão por Raul Xavier:

Raúl Xavier levou a sua gentileza a fazer um medalhão com a minha *vera efigie*. No círculo traçado, o *téque* delimitou a silhueta. Vi logo o meu perfil. Os seus dedos encheram de barro e o volume surge, a-par-da semelhança. – Os meus olhos pousavam no trabalho e eu via tudo tomar vulto e os meus traços fisionómicos reproduzirem-se fielmente. Duas sessões únicas e o trabalho concluído. E na minha sala de trabalho tenho o bronze, valorizado com uma amiga dedicatória, que me sensibiliza.<sup>99</sup>

Este testemunho de facilidade e destreza na arte do medalhão confirma e realça que esta foi de facto uma especialidade singularmente cultivada na escultura de Raul Xavier.

## 7.2. A medalha

Escultor experiente no medalhão, Raul Xavier veio também a distinguir-se, desde 1948, na modelação da medalha, sobretudo, da medalha fundida, recuperando uma técnica antiga, na qual se tornou um perito incontornável. Tal é o que tem sublinhado João Duarte, também escultor e medalhista, profundo conhecedor da obra medalhística de Raul Xavier, sobre a qual organizou a “Exposição Volte Face – Medalha Contemporânea”, dedicada às “Medalhas de Raúl Xavier” e realizada de 14 de Dezembro de 2011 a 17 de Janeiro de 2012, na Reitoria da Universidade de Lisboa. Tendo-se ocupado do ensino da medalha na Faculdade de Belas-Artes desta Universidade, o professor João Duarte reconhece hoje o carácter inovador da

---

<sup>97</sup> Cf. *O Cronista*, Ano I, nº 23, 16 de Abril de 1955: anúncio de uma sessão comemorativa do autor de *Cartas do Japão* e de *Culto do Chá*, na Sociedade de Geografia de Lisboa.

<sup>98</sup> Cf. “Um novo trabalho do Escultor Raúl Xavier”, *Jornal de Notícias*, 24 de Julho de 1943.

<sup>99</sup> Pedro de Aguiar, “Raúl Xavier – Escultor”, *Notícias da Figueira*, 4 de Dezembro de 1943. Um ano após a morte do cientista e crítico de arte (1949), foi descerrada uma lápide com o medalhão em sua homenagem, na Figueira da Foz, por iniciativa do Grupo dos Amigos do Museu Municipal Dr. Santos Rocha, então presidido pelo Prof. Joaquim de Carvalho: cf. *Diário de Coimbra*, 7 de Março de 1950.

técnica desenvolvida por Raul Xavier, no artigo “The Sculptor Raul Xavier (1894-1964). A pioneer of cast medals in Portugal”<sup>100</sup>.

Raul Xavier participou em várias Exposições Internacionais da Medalha Contemporânea – Paris (1949), Amsterdão (1950 e Madrid (1952) – e tem sido representado em eventos mais recentes, como o 18º e o 33º Congressos da Federação Internacional da Medalha (FIDEM), decorrido o primeiro em Lisboa, em 1979, e o segundo, em Sofia, em 2014, porquanto as novas gerações de medalhistas, como João Duarte, não deixam que o seu legado se apague.

A paixão tardia de Raul Xavier pela medalha começou em 1948, com duas encomendas da Casa da Moeda para medalha cunhada em homenagem ao matemático e professor Gomes Teixeira e ao médico, linguista e professor de numismática José Leite de Vasconcelos.

A maior parte das medalhas de Raul Xavier são, porém, elaboradas segundo a técnica da medalha fundida, a primeira das quais homenageou o escritor Camilo Castelo Branco (1949):

Além da perfeição plástica, esta medalha, de que se fará uma reduzida tiragem, tem a virtude de não ser partida nem reduzida, pois foi modelada no tamanho que tem (9 centímetros).<sup>101</sup>

A partir desta medalha inicial, sucederam-se algumas variações de medalha dedicada ao escritor romântico português (1949, 1954), que o professor João Duarte inclui no catálogo da “Exposição Volte Face – Medalha Contemporânea” (2011), que constituiu uma mostra exaustiva das “Medalhas de Raúl Xavier”.

Com efeito, têm por vezes mais do que uma versão, as medalhas fundidas de Raul Xavier, retratando: o perfil de criança (1950, 1956) de Luís Américo Xavier, filho do escultor; S. Martinho de Dume (1950, 1962), por ocasião das comemorações do XIV centenário da chegada à Península daquele que foi bispo de Dume e arcebispo de Braga (550)<sup>102</sup>; Augusto Carlos Teixeira de Aragão (1951); Dr. João Couto (1951); Aquilino Ribeiro (1951)<sup>103</sup>; Beethoven (1951); Dr.<sup>a</sup> Carolina Michaelis de

<sup>100</sup> Publicado na revista da Federação Internacional da Medalha (FIDEM), *Médailles* (2014), pp.145-149.

<sup>101</sup> Cf. *Diário de Notícias*, 6 de Dezembro de 1949.

<sup>102</sup> Cf. *Novidades*, 22 de Outubro de 1950. «O anverso apresenta a figura do bispo, com mitra gótica, de pé, apoiando a mão esquerda num báculo. Na mão direita segura um manuscrito que se desenrola até aos pés. É a *Colecção dos Cânones dos Concílios Orientais*, que ele ordenou.» Mário Areias, *Artistas Portugueses. Raul Xavier: Escultor-Medalhista*, Lisboa, 1955, p.38.

<sup>103</sup> Cf. Mário Areias, “Aquilino Ribeiro”, *O Comércio da Póvoa de Varzim*, 17 de Setembro de 1955.

Vasconcelos (1952); Ernesto Soares (1952); S. Francisco Xavier (1952), por ocasião do centenário da morte do Santo<sup>104</sup>; Ignace Jan Paderewski (1953); Paganini (1953); Dostoiëwsky (1953, 1958); Wenceslau de Moraes (1954, 1955); Fidelino de Figueiredo (1954); Damião de Góis (1954); Soares dos Reis (1955); Amato Lusitano (1955); Joaquim de Carvalho (1955); Estácio da Veiga (1955)<sup>105</sup>; Padre Cruz (1955, 1962), a primeira por ocasião do seu 96º aniversário natalício; João de Deus Ramos (1955); Francisco Martins Sarmiento (1955); João Domingos Bomtempo (1956); Marcos Portugal (1958); o Infante D. Henrique (1960)<sup>106</sup>; Carlos Augusto Lyster Franco (1961); Fernando Alfredo Palyart Pinto Ferreira (1961)<sup>107</sup>; S. Gonçalo de Lagos (1962), por ocasião do VI centenário; Carlos Celestino Gomes<sup>108</sup>.

A obra medalhística de Raul Xavier «homenageou homens de ciência, da literatura, da arte, da religião e muitas figuras da história portuguesa» e «tem traços clássicos, marcados pela serenidade e pela simplicidade das formas. As formas que ele esculpiu revelam uma modelação enérgica, que suporta um estilo forte e imaginativo, próximo do artista luso que foi, e a tranquilidade dos seus antepassados asiáticos»<sup>109</sup>, isto é, um estilo que perfaz uma síntese indissolúvelmente luso-asiática. Assim caracteriza, João Duarte, essa expressão de maturidade da arte de Raul Xavier, que foi a medalha.

## 8. O escultor da máscara, da cabeça e do busto

Antes, porém, de aflorar no medalhão e na medalha de Raul Xavier, o rosto humano já protagonizava na arte da máscara, da cabeça e do busto, que o escultor praticava desde o início da sua carreira artística. E tal foi a regularidade e a produtividade do

<sup>104</sup> Cf. *Diário de Notícias*, 19 de Novembro de 1952.

<sup>105</sup> Cf. *Correio do Sul*, 12 de Abril de 1956.

<sup>106</sup> «Mas, curiosamente, entre os que trataram os temas henriquinos depois de 1841 [ano em que foi editado por Visconde de Santarém o manuscrito quatrocentista de Zurara, e encontrado por Ferdinand Denis, em 1837, onde se inclui a célebre iluminura], apenas Raul Xavier e um artista anónimo, autor da estátua de Palm House de Liverpool enveredaram por uma iconografia diferente, baseada na escultura do painel do portal Sul dos Jerónimos.» Rosa Amaral, “A Ver Navios”, *O Independente*, 20 de Maio de 1994.

<sup>107</sup> Cf. Fidelino de Figueiredo, *Elogio de um nobre educador (Carta a um Amigo)*. Separata da *Revista de Guimarães*, vol.LXXI (1961) n.1-2, p.3.

<sup>108</sup> Cf. *Diário de Notícias*, Artes e Letras, 10 de Novembro de 1966.

<sup>109</sup> «His work has classic traits, marked by serenity and simplicity of forms. The forms he sculpted reveal an energetic modelling, which bears a strong and imaginative style, close to the Lusitanian artist he was, and the tranquillity of his Asian ancestry.» João Duarte, “The Sculptor Raul Xavier (1894-1964). A pioneer of cast medals in Portugal”, *Médailles* (2014), p.146.

escultor neste género que também se pode dizer que Raul Xavier foi também o escultor da máscara, da cabeça e do busto.

Neste género, também há figuras de fantasia, como Fauno, estudo (1928), e Fauno e Fauna (1932); há máscaras impressionantes, como a Máscara de Luiz Cotter (1926), a do fotógrafo-artista San Payo (1944)<sup>110</sup> ou a de Paganini (1950).



Raul Xavier e Paganini

Há tipos humanos, como o Desportista, apresentado no Salão de Arte Moderna (1932)<sup>111</sup>, a Mulher da Beira, apresentada na 32ª exposição anual da Sociedade Nacional de Belas Artes (1935), o Pescador (1936), ou a Cabeça de expressão<sup>112</sup>, Rapariga de tranças, talhe directo (1937), e mais de uma dezena de outros estudos congéneres de cabeça.

No rosto esculpido, sobressai mais o traço psicológico do que a parecença com o modelo, como sublinha o seguinte comentário de imprensa:

Raul Xavier não tem a dominar o seu espírito as preocupações de parecença dos seus modelos. Vão mais longe as suas preferências, porque são as de um psicólogo. O eminente escultor salienta na máscara dos seus trabalhos um ou outro traço peculiar que dê ao modelo um pormenor de acentuado sabor psicológico: no militar, o traço vigoroso; no atleta a expressão máscula; no benemérito a bonomia e a ternura.<sup>113</sup>

<sup>110</sup> Máscara apresentada na terceira exposição do G.A.P., na S.N.B.A. Cf. Artur Santa Bárbara, “San Payo vai partir...”, *Flama*, 26 de Dezembro de 1952.

<sup>111</sup> Cf. Artur Portela, “O Salão de Arte Moderna: a exposição e os expositores. Almada Negreiros, chefe da esquerda artística”, *Diário de Lisboa*, 22 de Dezembro de 1932.

<sup>112</sup> Assim designada no *Diário de Notícias* de 3 de Dezembro de 1938, noticiando a compra da peça pelo Museu de Arte Contemporânea de então.

<sup>113</sup> A propósito do busto para o monumento a Pedro Boto Machado, benemérito de Gouveia, “Aqui, Lisboa. Apontamento...”, *A Tarde*, 2 de Setembro de 1945.

Há mesmo estados de alma, que dão nome a algumas das suas peças mais significativas e singulares: *Meditação* (1924); *Pensamento Longínquo* (1941); *Melancolia* (1950).



Melancolia (1950)

E há, sobretudo, pessoas, mesmo muitas pessoas, que dão nome às suas máscaras, cabeças e bustos. Em 1917, quando ainda era o “moço-escultor”, já lhe eram atribuídos cerca de trinta bustos. Além dos já pontualmente referidos ao longo deste estudo, há uma extensa lista de mais de uma centena de pessoas singulares, que o escultor retratou em cabeça ou busto, quer por iniciativa própria quer por encomenda de grupos ou colectividades com intento de homenagem. É caso para dizer, com Hermenegildo Alves Fernandes, que:

Não há figura alguma de qualquer época, que ele não tenha iluminado e, sobre a qual, não tenha dirigido esse olhar ávido, clarividente e engenhoso que é o da verdadeira inteligência, para admiravelmente a esculpir.<sup>114</sup>

Saliente-se algumas figuras de relevo no panorama cultural português que Raul Xavier na arte da cabeça e do busto: o poeta Luís de Camões (1931)<sup>115</sup>; o arquitecto Pardal Monteiro (1932)<sup>116</sup>, incluindo o pai e a filha (1930); o pintor António Carvalho da Silva Porto (1935); o pintor Luiz Eduardo de Ortigão Burnay (1939); o escultor Romão Júnior (1939), cuja execução foi assim descrita pelo testemunho de Oldemiro César:

Desconhecida a tortura da execução. Trabalho feito aos jactos, em arrancos de talento e confiança nos nervos e nas mãos privilegiadas. – Onde o martírio de um Rodin, por exemplo, fazendo poisar o seu modelo mais de cem sessões para o

<sup>114</sup> Hermenegildo Alves Fernandes, “O Escultor Raul Xavier que expõe nas Belas-Artes”, *A Voz*, 24 de Novembro de 1957.

<sup>115</sup> O busto de Camões encontra-se entre os de Dante e Cervantes na galeria de arte da Universidade de S. Francisco da Califórnia, tendo sido encomendado por um grupo de portugueses e por iniciativa de Fidelino de Figueiredo, que era professor visitante daquela universidade.

<sup>116</sup> Cf. “Passeio às Belas Artes”, *Notícias Ilustradas*, 17 de Abril de 1932.

mesmo trabalho? – Em duas horas vi eu Raúl Xavier modelar em Aveiro o busto admirável do seu colega Romão Júnior, outro desiludido de talento, autor dêsse magnífico monumento ao Cego do Maio, da Póvoa do Varzim, que é hoje mestre numa escola industrial e ... fotógrafo, para não morrer de fome!<sup>117</sup>

E, com essa surpreendente facilidade de execução, o escultor continuou a modelar, entre muitos outros, o professor Joaquim de Carvalho (1940)<sup>118</sup>, o escritor e jurista António Sardinha (1940)<sup>119</sup>, o escritor Carlos Malheiro Dias (1940)<sup>120</sup>, a poeta e declamadora, “madrinha” do cenáculo artístico-literário “Tábua Rasa”, Alice Oeiras (1942)<sup>121</sup>, o pintor Carlos Reis (1945)<sup>122</sup>, o poeta Bernardo de Passos (1949)<sup>123</sup>, o jurisconsulto Visconde de Seabra (1951)<sup>124</sup>, o arqueólogo Santos Rocha (1952)<sup>125</sup>, a poeta Florbela Espanca (1955)<sup>126</sup>, o poeta-cavador Manuel Alves (1956)<sup>127</sup>, o poeta António Aleixo (1960)<sup>128</sup> e o escritor Júlio Dinis<sup>129</sup>.

<sup>117</sup> Oldemiro César, *Artistas Portugueses: Raul Xavier – Escultor. Com 56 Reproduções de Trabalhos do Artista*, Lisboa, 1943, p.21.

<sup>118</sup> Professor que regeu a cátedra de História da Filosofia na Faculdade de Letras de Coimbra e dirigiu a Imprensa da Universidade de Coimbra. Cf. Carlos Sombrio, “Notícias da Figueira da Foz. Uma obra de arte”, *Diário de Lisboa*, 26 de Setembro de 1940; Idem, “Uma obra de Arte do Escultor-estatuário Raul Xavier”, *Gazeta de Coimbra*, 12 de Outubro de 1940.

<sup>119</sup> Cf. Luiz Chaves, “Antonio Sardinha – Escultura de Raul Xavier”, *A Voz*, 19 de Janeiro de 1940; *Novidades*, 10 de Janeiro de 1960.

<sup>120</sup> Destinado ao Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro.

<sup>121</sup> Cf. “Na “Tábua Rasa” foi festejado o escultor Raul Xavier”, *Diário Popular*, 21 de Fevereiro de 1943.

<sup>122</sup> Encimando um monumento em memória do pintor, que contou com a colaboração do arquitecto Luís Xavier, e que foi inaugurado a 20 de Abril de 1947 no Jardim público junto às margens do Almonda, em Torres Novas, sua terra natal: cf. *Diário de Notícias*, 14 de Junho de 1945; *Gazeta de Coimbra*, 30 de Junho de 1945; *Diário de Notícias*, 14 de Abril de 1947; M.N. “O Pincel e a Espada”, *Novidades*, Ano XI, 20 de Abril de 1947, nº 16, pp.1-2; *Diário Popular*, 20 de Abril de 1947; *Diário de Lisboa*, 20 de Abril de 1947; *Diário de Notícias*, 21 de Abril de 1947; *Diário da Manhã*, 21 de Abril de 1947; *Diário Nacional*, 21 de Abril de 1947, p.4; “A Festa a Nun’Alvares e a Carlos Reis”, *O Almonda*, 26 de Abril de 1947.

<sup>123</sup> Cf. *Correio do Sul*, 29 de Dezembro de 1949, 5 de Janeiro de 1950, 20 de Abril de 1950, 8 de Março de 1956, 14 de Junho de 1956; *O 1º de Janeiro*, 17 de Maio de 1950. Encimando o monumento erigido ao poeta em S. Brás de Alportel, e inaugurado a 15 de Setembro de 1957: cf. *Diário de Notícias*, 15 e 16 de Setembro de 1957; *Diário Popular*, 15 de Setembro de 1957; *O Século*, 15 de Setembro de 1957; *Correio do Sul*, 25 de Abril de 1957, 12 e 19 de Setembro de 1957.

<sup>124</sup> Encimando um monumento em Mogofores, inaugurado a 23 de Novembro de 1952: cf. *O Século*, 20 de Novembro de 1952. «Por entre calorosas ovações, a menina Maria Teresa Seabra Menano Seruya descerrou o monumento, um expressivo busto do escultor Raul Xavier, colocado sobre um plinto, em cujas faces se lêem as seguintes inscrições: ‘Ao visconde de Seabra, 1798-1895. Aqui a effigie, o nome em toda a parte. Homenagem do povo de Mogofores, 1952’.» *Diário de Notícias*, 23 de Novembro de 1952. Um exemplar do busto foi também oferecido pelo escultor ao Museu de Vila Franca de Xira, em 1962: cf. *Vida Ribatejana*, 14 de Abril de 1962.

<sup>125</sup> Fundador do Museu com o seu nome na Figueira da Foz: cf. *O Primeiro de Janeiro*, 30 de Abril de 1952. Busto destinado ao monumento de granito do arquitecto Edmundo Tavares, situado num dos ângulos do Jardim Municipal: cf. *Diário de Notícias*, 12 de Outubro de 1952. Monumento inaugurado a 13 de Setembro de 1953: cf. *O Século* e *Diário de Notícias*, 14 de Setembro de 1953.

<sup>126</sup> Cf. *Diário Popular*, 31 de Março de 1955, 26 de Fevereiro de 1964; *Diário de Notícias*, 5 de Julho de 1955.

Das pessoas que retratou, algumas as tratou com especial afeição: os amigos mais próximos e os familiares, alguns dos quais já referidos no âmbito dos diversos géneros de escultura que cultivou.

Entre os seus amigos do peito, estava decerto o professor e escritor Fidelino de Figueiredo, de quem modelou o busto exposto na Exposição da S.N.B.A. (1938). O busto foi oferecido ao escritor e inaugurado numa festa em sua homenagem, no Clube Português, em S. Paulo, a 20 de Janeiro de 1939<sup>130</sup>. Acresce a já mencionada medalha fundida com a efígie do professor (1954)<sup>131</sup>. Mas do alter-ego de Fidelino, Luiz Cotter, protagonista do romance psicológico *Sob a Cinza do Tédio*, Raul Xavier já havia esculpido a máscara (1926). E da ceramista Dulce Figueiredo, esposa do escritor, o escultor havia já modelado um medalhão (1928).

Amigo era também Carlos Sombrio, pseudónimo de António Augusto Esteves – *Sombras* é o título do seu primeiro livro – escritor e jornalista da Figueira da Foz, onde fundou a Biblioteca da Associação Comercial e foi director da Biblioteca Pública Municipal, tendo mantido assídua correspondência com Raul Xavier. O escultor retratou-o em busto (1946)<sup>132</sup> e em medalhão (1952), modelou o crucifixo que foi colocado no seu túmulo e o arquitecto Luís Xavier, filho do escultor, desenhou o banco artístico que foi colocado no lugar predilecto do escritor.

Alguns amigos, tomados de admiração pelo escultor, escreveram sobre ele vários trabalhos em forma de livro e de artigo: são os casos de Luís Chaves<sup>133</sup>, que fora arqueólogo e conservador do Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos, e de Mário Areias<sup>134</sup>, que fora fundador do “Círculo Camiliano” e director da revista *Camiliana & Varia*, e que partilhara com o escultor o seu grande apreço pelo nosso ilustre escritor romântico. Raul Xavier retratou-os a ambos na sua arte do busto e da cabeça: Luís Chaves (1947); Mário Areias (1950).

---

<sup>127</sup> Cf. *Jornal de Notícias*, 28 de Março de 1956; *Diário Popular*, 15 de Abril de 1956; *A República*, 16 de Abril de 1956. Busto inaugurado no largo principal da Moita de Anadia, a 5 de Maio de 1957: cf. *O Século*, 9 de Maio de 1957; *Diário de Notícias*, 4 e 6 de Maio de 1957.

<sup>128</sup> Cf. *Povo Algarvio*, 29 de Maio de 1960.

<sup>129</sup> Busto inaugurado em Ovar, no Largo de 5 de Outubro, em 1966: cf. *Diário de Notícias*, 25 de Junho de 1966.

<sup>130</sup> Cf. “A inauguração do busto do Prof. Dr. Fidelino de Figueiredo no Clube Português”, *Voz de Portugal*, 22 e 29 de Janeiro de 1939.

<sup>131</sup> Cf. M.L.F., “Da vida que passa: Dr. Fidelino de Figueiredo”, *Correio do Sul*, 30 de Março de 1967.

<sup>132</sup> Cf. *Boa Nova*, 29 de Junho de 1946; *Diário de Notícias*, 12 de Abril de 1949.

<sup>133</sup> Destaque-se o livro: Luiz Chaves, *Raul Xavier. Escultor Estatuário*, Lisboa, Bertrand Irmãos, 1946.

<sup>134</sup> Destaque-se o livro: Mário Areias, *Artistas Portugueses. Raul Xavier: Escultor-Medalhista*, Lisboa, 1955.

Amiga e neta do escultor é ainda a autora deste escrito. Raul Xavier não podia suspeitar de que a sua neta mais nova, que ele não conheceu para além dos três anos de idade, viesse a escrever sobre o avô escultor. E, no entanto, o avô brindou-a também com a cabeça de menina (1963)<sup>135</sup>, que foi uma das últimas obras a receber a sua assinatura.



Neta do Escultor (1963)

---

<sup>135</sup> O gesso pintado foi oferta do escultor ao Museu Regional de Vouzela, então instalado no 1º piso da Casa dos Távoras, cedido e adaptado para efeito pelo seu proprietário António Alves Teixeira, e inaugurado a 31 de Agosto de 1963: cf. *Diário de Notícias*, 1 de Setembro de 1963; *Notícias de Vouzela*, 16 de Setembro de 1963.